

A REVISTA

DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA
CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA
GREGORIANO CANÊDO

Para os espiritos creadores

Falámos aos scepticos; chegou a vez de falarmos aos espiritos creadores. Trazemos outra serenidade. Vimos reafirmar a nossa orientação no sentido da mais franca nacionalização do nosso espirito. Ha no nosso tempo uma volta á realidade. Não nos abismamos mais nas mentirosas ideologias das gerações passadas, que fantasiavam a nossa terra com côres chimericas. Soffremos uma approximação mais intima, um contacto mais vivo do nosso meio. Eis porque cabe a nós uma obra de dura disciplina e de serenidade constructiva. Precisamos não só de actos de intelligencia mas, sobretudo, de actos de fé. Ha uma necessidade inadiavel de affirmação em todos os sentidos. Entrando em choque com a vida real, temos de confiar na nossa força para não cahirmos na inacção e no indifferentismo. Não queremos atirar pedras ao passado. O nosso verdadeiro objectivo é esculpir o futuro. Ahi estão problemas essenciaes da nacionalidade exigindo uma solução immediata. Pretendemos realizar, ao mesmo tempo, uma obra de criação e de critica. Deixamos a cada collaborador a mais ampla liberdade de ponto de vista e de opinião. Apenas desejamos imprimir ao nosso trabalho uma unidade em harmonia com a nossa tendencia nacionalista. Sem preconceitos rigidos. Sem exclusivismos estereis. Procuramos concentrar todos os esforços para construir o Brasil dentro do Brasil ou, si possivel, Minas dentro de Minas.

Acolhemos com sympathia o regionalismo. Apro-

veitamos nesse movimento alguns reflexos do nosso ambiente, a originalidade local do nosso interior.

Si bem que pretendamos caminhar noutro sentido: dominar pelo espirito o nosso meio e não nos escravizarmos a elle. Mas é preciso superpormos vontades identicas para crearmos um espirito nacional. O esforço intensificado de cada um nesse mesmo sentido constitue o fecundo trabalho subterraneo das raizes. A nacionalidade se vai formando á custa das dolorosas experiencias individuaes.

Não podemos desprezar a menor contribuição. Presentimos o perigo enorme do cosmopolitismo. E' a ameaça de dissolução do nosso espirito nas reacções da transplantação exotica. Não podemos offerecer nenhuma permeabilidade aos productos e detricos das civilizações estrangeiras. Temos de recompor a nossa faculdade de assimilação para transformar em substancia propria o que nos vem de fóra. Ahi está outro movimento nacionalista que traz tambem os seus fructos: o primitivismo. Este vem, sobretudo, humanizar a nossa consciencia intellectual, despindo-a de seu character olympico. Ha muito que precisavamos deixar a nossa inacessivel Turris Eburnea e acabar com a aristocracia orgulhosa do pensamento, para tomarmos parte na humanidade, na nossa humanidade. Devemos comprehender que o nosso papel é viver e não contemplar o espectáculo quotidiano.

Na verdade, um dos nossos fins principaes é solidificar o fio das nossas tradições. Somos tradicionalistas no bom sentido.

Oppomo-nos a qualquer desbarato da nossa pequena herança intellectual. Si adoptamos a reforma esthetica, é justamente para multiplicar e valorizar o diminuto capital artistico que nos legaram as gerações passadas.

Dissemos que eramos um órgão politico. Nas relações internas, a nossa orientação está definida no sentido da centralização do poder. Tanto na politica como na letras, ameaçam-nos perigossimos elementos de dissolução. Anda por ahi, em explosões isoladas, um nefasto espirito de revolta sem organização nem idealismo, que tenta enfraquecer o nosso organismo social.

Para combatel-o sentimos a necessidade do governo ser a funcção de uma vontade forte, de um espirito dominador. Si o poder fôr se tornando peripherico em vez de centralizar-se, teremos a dispersão das forças latentes do paiz. No momento actual, o Brasil não comporta a socialização das massas populares. Só uma personalidade inflexivel dirigida por uma bôa comprehensão das nossas necessidades pode resolver os problemas maximos da nacionalidade. Nas relações exteriores do paiz, as nossas condições momentaneas estão exigindo uma posição, não dizemos estrategica, mas, pelo menos, tactica das classes dirigentes em relação ao elemento estrangeiro. Não podemos dispensar o seu concurso. Ahi está a immigração que, acolhida em massa englobada, é perigosissima á formação actual dos nossos caracteres. Poderá pertubar ainda mais o estado da nossa mestiçagem psychica. Não podemos impedil-a mas podemos organizal-a. A creação de nucleos de colonização é uma medida para o momento. Traria a vantagem de impedir o caldeamento irregular dos typos mais dispares e de ir estendendo a urbanização dos nosso interior. Coherentes com o nosso programma nacionalista, somos pela reforma da nossa constituição. Esta apresenta uma pomposa fachada de federalismo norte americano e traz um fundo decalcado do liberalismo inglez. As nossas leis fundamentaes nasceram sob influencia do romantismo politico do segundo imperio. Foram constituídas pelo idealismo vago, o verbalismo sonoro dos ultimos representantes daquelle nosso brilhante e dissolvente parlamentartismo. Ha um desaccordo profundo entre muitos dos principios constitucionaes e a nossa mentalidade social. Precisamos annular essa desproporção. As nossas leis devem ser tiradas da observação directa da vida brasileira, e não copiadas dos modelos estrangeiros.



Sobre a psycho-analyse

IAGO PIMENTEL

(Especial para A REVISTA)

Sobre a doutrina de Freud ou psycho-analyse, tão divulgada, tão mal conhecida e tão mal interpretada, procuraremos dar aqui, em ligeiros traços, um rapido apanhado, remettendo o leitor, que tiver interesse em melhor conhecê-la, á leitura de uma serie de conferencias, feita pelo proprio Freud, em 1909, na Universidade de Clark, nos Estados Unidos, cuja publicação iniciaremos no proximo numero desta revista e onde se acham succintamente expostos todo o historico e evolução da doutrina.

Freud tem uma concepção dynamicica da vida psychica, que elle considera como um systema em evolução de forças antagonistas ou componentes; só uma pequena parte dessas forças constitue o *consciente* do individuo, em opposição a outra parte, o *inconsciente*, composto de elementos muito mais numerosos e, sobretudo, muito mais activos no determinismo da actividade mental. Estes ultimos elementos, em geral de conteudo erotico, estando, muito frequentemente, em opposição com as tendencias da personalidade consciente do individuo, educado e submettido ás coersões moraes, ethicas e sociaes da civilisação, ficam como que regeitados no inconsciente e ahí são martidos por uma força de *resistencia*. Mas, por estarem reprimidos, esses elementos, não perdem o seu dynamismo e continuam permanentemente a influenciar os phenomenos psychicos, esforçando-se constantemente por virem á tona da consciencia, que não os podendo tolerar na brutalidade de sua oudez, só os recebe disfarçados e desfigurados e os exteriorisa, simbolicamente, por meio de varios phenomenos: no homem são, por tendencias artisticas, literarias, particularidades do caracter, sonhos, etc.; no doente, por obsessões, hallucinações, delirios, dissocições da consciencia da personalidade, em uma palavra, por symptomas de nevrose e psycho-nevrose. Tal é, em resumo, a doutrina de Freud ou psycho-analyse.

Como muito bem diz E. Regis, a doutrina de Freud não deixa de ter grandeza, e a grandeza não só de uma doutrina psychologica, mas tambem, como já o fizeram observar, de uma doutrina religiosa. Assim se explica a sua repercussão e a vehemencia apaixonada com que tem sido, quer defendida, quer combatida.

Freud não é o que se possa chamar propriamente um philosopho. Sua theoria surgiu simplesmente da observação de um medico que, preocupado com dar allivio a seus doentes, procurava, para lentar removê-los, interpretar os symptomas extranhos, e até então mysteriosos, das nevroses e psycho-nevroses. "Antes de tudo, impelliu-me a necessidade pratica", diz o proprio Freud.

E foi assim que, explorando minuciosamente, analysando com paciente curiosidade a alma de seus doentes, ao espirito do grande obser-

vador surgiu todo um vasto e deslumbrante mundo desconhecido, que não só vinha dar explicação dos symptomas morbidos de que se occupava o medico, como ainda vinha offerecer a chave do enigma das mais variadas manifestações psychicas.

Evidentemente, o que mais choca a quem se inicia no estudo da psycho analyse, é o papel que Freud entrega ao instincto sexual, que, em sua opinião, domina, por assim dizer exclusivamente, toda a actividade da alma humana. Mesmo espiritos, que, pela sua cultura pareciam dever estar emancipados de preconceitos, não têm deixado de oppor formal resistencia em aceitar aquella asserção. Mas essa própria resistencia, esse escrupulo, natural no homem civilisado, tão orgulhoso da sua pretensa superioridade em abordar desassombadamente o problema sexual, é justamente mais uma confirmação do papel dominante daquelle instincto; é uma especie de revolta intima da consciencia moral e esthetica do espirito culto contra a fealdade revoltante da verdade sopitada. Quem, com effeito, de animo isento, voltar-se introspectivamente para si ou observar serenamente as manifestações mais intensas e mais sublimadas da alma humana—a arte e a religião—não poderá deixar de se curvar deante da realidade, desagradavel; talvez, mas inilludivel como uma evidencia: religião e arte, desde as suas mais simples até as suas mais transcendentexpressões, não passam de um manto, mais ou menos espesso, mais ou menos transparente, em cujas dobras se esconde, se embuça se ou desfigura o instincto sexual. E' so levantar o manto e querer procural-o; infallivelmente elle lá estará, transfigurado no extase dos mysticos ou hediondamente nú, nas tentações hallucinantes dos anachoretas.

Serem satisfeitos é a finalidade dos instinctos, essas forças cegas da natureza. Satisfazer aos instinctos é procurar o prazer; reprimil-os é provocar a dôr. E o principio hedonico dirige todos os seres: a procura do prazer e a fuga ao soffrimento. A ameba, infinitamente pequena, que sob a objectiva do microscopio, foge á gotta de acido, é o primeiro exemplo, no mundo organico, de um ser fugindo ao soffrimento. Como todos os animaes, o homem nasce apenas dotado de instincto; sua tendencia natural seria pois, como no selvagem e na creança, satisfazel-os plenamente. Coagido, porém, pela moral e as exigenciãs de sua cultura, tem de soffreal-os e, como a ameba que foge á gotta de acido, o homem foge da realidade dolorosa da vida para os dominios da nevrose, do sonho, da arte e do delirio mystico, em cujo symbolismo aneia por encontrar a satisfação dos desejos incontidos.



Da poesia moderna

EMILIO MOURA

A poesia tornou-se um terreno onde é perigoso andar a critica a desejar uma systematisação para todo momento. Melhor. Não poderemos rotular essa ou aquella tendencia, a satisfazer uma velha mania. Temos que encarar a poesia, não numa corrente determinada ou numa determinada attitude: é preciso parar deante de cada temperamento e sentir esse temperamento na sua esthesia particular. Libertação absoluta? Absurdo! Somente não poderemos dizer: «A poesia do nosso momento é desta ou daquela maneira», etc. etc. Cada musa reflecte uma tonalidade diversa, varia, e possui a sua dóse de maior ou menor emotividade creadora, de anseio desinteressado ou daquelle que procura libertação numa escalada renovadora. Falamos, de vez em quando, em poesia intellectualisada e em néo-romantismo. Mas isso são aspectos generalizados, feições dentro das quaes pode haver um infinito de caractéres. Os processos intellectuaes obedecem a impulsos muito interiores. Nem sempre conseguimos penetrar a fundo a significação caprichosa do fio que nos vae conduzindo. A propria psychologia tem a sua mascara leviana. Em arte principalmente. Deante de tão confusas e, ás vezes, tão incoherentes directrices estheticas, o espirito se desillude. Contenta-se em apurar o maximo de belleza ou de verdade artisticas de uma obra. As ideas nascem e morrem num bailado aereo ou pesado; as emoções surgem e desaparecem, cada uma trazendo o seu momento de vida, o seu rythmo, a sua legenda. Nós ficaremos á espera daquellas que serão as nossas, que resolverão com certeza uma equação pessoal. Porque nem todas as idéas poderão ser as nossas idéas. Podem ser admiraveis. A intelligencia tem o direito de reconhecer-o, mas a sensibilidade possui o direito de repudial-as, no momento em que aquella tentasse uma realização. As idéas não valem pela sua origem, pela sua maior ou menor originalidade; mas sim pelo que ellas possuem de electricidade creadora, pelo poder que ellas adquiram, acaso, de adaptação a um espirito, a uma sensibilidade. Estes poderão renovar-as até á propria identificação absoluta com ellas. Então, espirito e idéas, esthetica e sensibilidade creadora viverão como se uns nascessem dos outros, como um fluido que se irradia. E' um trabalho creador em que entra muito do nosso esforço subconsciente, desse tantalismo curioso da nossa psyché, na escala da nossa intellectualislação. Cada temperamento tem que realizar a sua intima modelação. Uma esthetica é

assim uma realização pessoal, é o jogo de todas as conquistas intellectuaes e de todo a trama da nossa emotividade. Não pode ser uma disciplina para uso geral, e somente com habilidade poderemos enquadrar um certo numero de artistas numa dada tendencia. Principalmente num periodo de inquietação. Ensaíamos todas as directrizes. Cada pouco de argilla recebe o toque vertiginoso da nossa sêde renovadora. O sr. Oswaldo de Andrade escrevendo «As memorias sentimentaes de João Miramar» e o sr. Guilherme de Almeida creando o rythmo novo da «A fruta que eu perdi...» ou do «Meu» não resolveram o problema da nossa literatura, não realizaram, em definitivo, a expressão literaria, que deve ser a do nosso momento. Cada um delles encontrou, ou imagina haver encontrado (não sejamos affirmativos) uma solução que só vem resolver o «caso» de cada um delles. E fizeram bastante. Em arte, como na vida, o difficil é encontrar-se o caminho. Somente, na arte, aquelle «passo distrahido a que se refere o sr. Raul de Leoni é eliminado pela necessidade constante de uma auto-critica rigorosa. A argilla não realiza milagres de automatismo. Requer o trabalho vigilante dos dedos, soffre a influencia multiforme de todas as fatalidades ambientes. Do contrario ella poderia viver, tanto na razão directa, como na inversa da nossa cultura. Ora, isso é o que justamente se afasta da verdade de tudo o que já se tem realizado. No proprio lyrismo a intelligencia tem a sua acção permanente. A analyse illumina-o na sua objectivação. Intellectualismo puro? Essa tendencia é uma face curiosa da poesia moderna. Já não é o hermetismo dos symbolistas: é um esforço pela «expressão», um anseio de synthetisar, extrahindo-se dos motivos aquillo que elles têm de essencia e de vida, as linhas basicas para a obra de arte. Rapidez de emoção, agilidade de linhas, de côres e rythmos.

A entrada de certos elementos mais ou menos prosaicos, de assumptos quotidianos na poesia moderna só pode ser considerada como uma intelligente reviravolta. Ha notações finas e deliciosas, linhas profundamente emotivas e admiravelmente delíneaveis em themas que se acreditavam vulgares ou ante poeticos. Já ha um mundo fóra do Olympo. É muito mais curioso. Ahi as idéas não adquirem solemnidade ou belleza apenas pela emoção da attitude, pela elegancia da linha. As imagens não tendem á estatuação, mas ao movimento e á vida: agitam-se, ondulam, nesse perpetuo rythmo de humanisação. São idéas que vivem ao nosso lado, emoções primitivas; linhas ou côres que dizem, com desembaraço, de algum momento de electricidade creadora. Ha uma pureza de linhas, uma simplicidade de côres que serão, sempre, uma seducção caprichosa. Ellas bastariam á nossa intima necessidade de realização, á objectivação do nosso anseio especulativo. A nossa ten-

dência é para realizar essa simplicidade—simplicidade synthetisante. Toda a emoção de um momento pode estar numa linha rápida e fugitiva, numa notação passageira. Sem moldura nenhuma. O excesso de moldura foi o que desviou o parnasianismo de sua probabilidade realizadora. Num soneto, por exemplo, a moldura, ás vezes, eram treze versos; o quadro,—a idéa ou o fio da emoção provocada—a «chave de ouro». As linhas essenciaes perdiam-se em desalinho. Interrompia-se o fio emotivo, o movimento interior anulava-se frequentemente. E' nessa rapidez de pinceladas, nessa synthese objectiva e subjectiva é que está o effeito mais natural e mais expressivo dessa poesia de agora. O elemento qualificativo predominando sempre para a imaginação creadora. Os scepticos acreditarão num periodo agónico para a poesia. E collocarão esse periodo na actualidade.

«Tempos de prosa!» Entretanto a actualidade está impregnada de poesia, a patentear uma seiva de natureza virgem. O conceito de poesia pode ter variado. Acreditamos que sim, para aquelles que, no nosso momento, não se recordam mais da maneira como a comprehendia um Carlyle. Poesia que não é somente estribilho, harmonia—sujeição eterna do «eu» que sente e que pensa a uma limitação em essencia, e não formal simplesmente, a uma canalisação academica; mas poesia que é puramente «expressão», fructo de um anseio psychologico. Já Laforgue a queria dessa maneira. Esse anseio, essa sêde libertadora, na sua realização artistica e objectiva, poderá produzir o lyrismo commovido e ingenuo, doce ou perverso de um Manuel Bandeira; ou o intellectualismo de um Luiz Aranha. Em todos os dois casos temos poesia. A maneira porque sentem e realizam essa poesia é que se fez differente.

Mas será preciso tantos gyros, mais ou menos inuteis para que se chegue a tudo isso? A belleza continúa a ser aquella deusa amavel e leviana, filha do capricho dos homens e da ironia dos deuses. Os antigos conseguiram symbolos harmoniosos para tecer a sua trama inponderavel: realizaram-n'a com um sorriso de doce ou impiedosa sabedoria. Hoje os tempos são outros. Mas a belleza ainda vive nas retinas enamoradas. E' uma arvore maravilhosa. E si é alta em excesso, façamos por colher, ao menos, os fructos que estão ao alcance dos nossos dedos. E esqueçamos a fabula de La Fontaine...



Critica physiologica

A PROPOSITO DE MANUEL BANDEIRA

MARTINS DE ALMEIDA

Já que estamos fazendo uma revisão de valores estheticos, precisamos de um criterio. Um criterio seguro e bem nosso. Não seria máo tomarmos os dados physiologicos como pontos de orientação e, algumas vezes, como elementos de avaliação. No momento actual, a nossa critica não pode ficar entregue aos conhecimentos geraes da arte estrangeira. Borboleteiará ao redor dos livros, como tem feito até aqui, si jogar apenas com aquelles dados culturaes. Trará sempre uma versatilidade caprichosa de impressões e uma volubilidade ondulante de pensamento. No nosso minuto constructivo, é perigosissimo o character dissolvente das apreciações no dominio do espirito. A psychologia, que offerece os elementos de mais valor, só dispõe, entre nós, dos primeiros delineamentos da nossa mestiçagem psychica. A historia não fez, ainda, a projecção de sua perspectiva na arte brasileira. Não fallemos da sociologia. A massa heterogenea e movediça dos nossos agrupamentos falseia quasi sempre a posição que se toma nesse terreno.

Venho propor que nos orientemos pela physiologia. A maior idèa que teve certo escriptor allemão foi de apresentar objecções physiologicas a Wagner. Precisamos fazer o mesmo a muitos artistas brasiliros. A maior parte das nossas obras de arte é formada de impressões que se crystallizaram a flor da pelle. Falta-lhes profundidade corporea. Os nossos espiritos creadores muito se deixam levar pela plasticidade de cèra dos tecidos. Tudo o que vem do exterior se grava ligeiramente á superficie do corpo e, ahí, é reproduzido. O artista expreme da epiderme, como se fosse uma espinha, as emoções sentimentaes e intellectuaes. Dahi a nossa arte constituida, quasi toda, de preconceitos, artificialismos e copias. A' optica superficial da nossa critica tem passado despercebido esse fundo physiologico da criação. Ora, para crearmos uma obra de arte temos de viver-a. «La vie est un fait physique» diz o saber multiseccular de Claud Bernard. Eis porque o pensamento deve se fazer carne. E' preciso que cada sentimento sangre.

Uma idea de verdade não pode deixar de fazer o percurso fecundo do aparelho circulatorio. Não se admittem valores abstractos na arte pura. A intelligencia não é uma excrescencia nem a sensibilidade um tumor. Ha uma solida vida de conjuncto das cellulas. A' meditação puramente cerebral, eu contraponho a meditação profundamente corporea. Não é indifferente que o critico tome a pulso ao artista. Ha estados d'alma que correspondem a disgestões mal feitas. Ahí está a critica do Sr. Duque Estrada que indica menos um modo de ser da sensibilidade do que um estado angustioso dos intestinos que nada assimilam. Ha uma lassidão pesada e morma de pensamento que correspon-

de a uma falta de flexibilidade de musculos. O Sr. Alberto de Oliveira, por exemplo, exprime nos seus versos um rigidez corporea.

Entre nós principalmente, a creação artistica tem estado, quasi sempre, ligada a condições morbidas do organismo. Chego mesmo a pensar que só muita gymnastica, cultura physica, banhos frios seriam capazes de estabelecer o equilibrio organico e, conseqüentemente, artistico da nossa sensibilidade.

Estou bem longe de collocar a critica como um appendice das «Lições de Physiologia Experimental». Podemos lembrar Remy de Gourmont, que teve a larga comprehensão da physiologia da arte. Qualquer systematização nesse sentido seria uma forma do ócio scientificismo litterario de Brumetiére. Fallo dos factos physiologicos como pontos de orientação para o juizo esthetic. Eis o caso de Manuel Bandeira. Vem confirmar que ao critico não é indifferente a maneira pela qual o poeta respira. Mario de Andrade, sempre adiante de nós todos, se fez physiologista para estudal-o sufficientemente Apalpou-lhe o peito. Auscultou-lhe. Pediu-lhe que gritasse 33. Seguiu o curso da doença desde o encontro do poeta com ella. Dahi, uma segura visão critica. Explicou excellentemente a função psychica da molestia na arte do autor de Carnaval. E não se enganou. Principalmente para o estudo da obra de Manuel Bandeira, não podemos desprezar os elementos que a physiologia nos fornece. Ahi está a sua tristeza formada por um desequilibrio organico e não artificializada por uma convenção de escola. Ninguém tolera mais o preconceito da melancolia. Tivemos um seculo inteiro de lyricas choradeiras rimadas e escandidas. Basta. Temos physiologicamente a liberdade de sermos tristes ou alegres a qualquer momento ou as duas cousas ao mesmo tempo. O artificialismo vae desaparecendo cada vez mais da poesia de hoje. O poeta é obrigado a por o seu subconsciente a nú. Mas em Manuel a tristeza é um estado da carne. O poeta é melancolico de uma maneira corporea. Muitos de seus versos vêm de um sangue empobrecido e de uma respiração imperfeita. A sua enfermidade afinou-lhe os sentidos e augmentou a receptividade da realidade exterior. E realmente, não foi elle o primeiro que soffreu a pressão da atmosfera da nossa época? Não foi elle quem deu os signaes annunciadores de uma renovação artistica que se preparava na sensibilidade contemporanea? Não advinhou nada. Tudo andava no ar. Manuel teve a comunicação subconsciente antes de todos. Parece estar mais perto da realidade do que qualquer outro. Dispõe com facilidade dos dados immediatos dos sentidos. Principalmente em Manuel Bandeira a sensação não vêm atravez dos canaes competentes. Podemos dizer que é um espirito em carne viva. O menor contacto do mundo visivel produz ressonancias dolorosas no seu ser. E vae achando um sabor de vida profunda em cada pedacinho da realidade. Guarda uma grande humildade na sua attitude contemplativa deante da nossa natureza. E' um empobrecimento de seiva animal que o impede de luctar contra a hostilidade ambiente e não o uso da formula romantica de inadaptação. Não tem a fibradura rija para tomar a posição perpendicular no nosso meio e tentar realizar, em arte, o equilibrio da nossa paisagem natural como o estão fazendo Mario de Andrade das ultimas producções, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida do "Meu"

Não é preciso ter ligeireza e flexibilidade de musculos para se escrever Dansas? Não é preciso ter perfeita constituição organica para se conseguir o rythmo tranquillo de Inscipção? E Malabarismo não é uma expressão rythmica de força e agilidade corporeas?

Afinal, demorei neste ponto de vista para clarificar e justificar algumas tendencias de Manuel Bandeira. Não se pode reduzi-lo a um simples caso physiologico. E' uma das maiores e mais indefiniveis sensibilidades do nosso tempo. E' o mais poeta dos nossos poetas. Compreendeu e aprofundou melhor que ninguem alguns aspectos simples da vida ordinaria. Exprime nos seus poemas uma grande verdade sentimental. Traz o mais puro intimismo psychologico. Como encontrar versos que contemham mais poesia do que Noite Morta? Certamente que elle teve a sua phase de artificios e convencionalismos poeticos. Em Cinzas das Horas regulou os seus versos com o convencional tic-tac rythmico. Despreendeu, de accordo com as normas, em determinados logares e minutos, certa quantidade de substancia poetica. Nelle, essa phase passou mais rapidamente do que em qualquer outro. Que salto de Cinzas das Horas ao Carnaval! Este ultimo é um livro isolado da epocha em que surgiu. Não falemos do susto da platéa. Manuel desalinhou a symetria forçada do rythmo e poz dissonancias na musica plan-rataplan do antigo verso. Despertou a nossa sensibilidade do torpar que lhe vinha das phrases melodiosas da poesia. Trouxe uma das maiores creações poeticas que possuímos —Os sapos—em que um pensamento ironico das cousas flue numa onda de lyrismo puro. Deu uma inedita qualidade intellectual a algumas de suas poesias sem lhes deturpar a natureza intima. Precedeu com uma intuição maravilhosa a essa tendência intellectualista do movimento moderno. Afastou-se, depois, daquella corrente. Não teve força para submeter o seu temperamento profundamente emotivo a uma disciplina quasi classica. Debussy, a Fina, a Doce Ferida e outras poesias já indicavam que a sensualidade dissolvente da musica desequilibraria-o. O seu ultimo livro nos mostra Manuel inteiramente entregue a sua sensibilidade. Fez-se mais confidencial, mais intimista, mais terno, menos ironico. O poeta torna-se um miniaturista musical.

Rythmo Dissoluto já é por si só um excelente commentario. Indica que no seu autor o sentimento do rythmo se desfibrou. Eis ahi o residuo do symbolismo que permaneceu em grande parte dos poetas modernos. A musica continúa a exercer uma attracção perigosa e a desfazer a harmonia typica da poesia.

Nós sabemos que os symbolistas libertaram essa pobre poesia com sacrificio della mesmo. Romperam os «rythmos immoveis da esculptura» que a mumificavam para lhe darem os «rythmos em movimento» da musica. Chegaram a dissolver-a realizando a conhecida profecia de Taine. Deu-se a decomposição do rythmo. Desaggregaram-se os atomos da phrase poetica. Neste caso, a libertação foi a morte. Alguns espiritos modernos já reconstruíram o rythmo com um pouco de desenho para que a poesia voltasse a ser ella mesma. Eis aonde eu queria chegar. E' ainda um resto de symbolismo o «rythmo dissoluto» dos versos de Manuel Bandeira.

E' preciso que eu diga que estou explicando e não condemnando o autor de «Poesias». Sinto-o immenso na sua maneira de exprimir. Só lamento que não possa tomar parte activa no nosso momento constructivo. A sua poesia tem um character dissolvente. O poeta não emprega nem de leve os elementos de equilibrio das artes plasticas. Compreendo que seu animismo achou uma expressão definitiva. A fluidez de sua substancia poetica foge a menor pressão linear. Aceito como a melhor e mais verdadeira a solução que nos apresenta do seu problema intimo.

Foi uma monstruosidade Manuel ter empregado o cinzel penetrante dos parnasianos para dar forma a suas idéas e sentimentos. Só uma technica delicadissima, modificando-se a cada aspecto observado, poderia exprimir o maximo delle mesmo. Trabalhou para o bem lyrico da humanidade quem como elle reduziu, ao contrario daquelle sapo «cancioneiro aguçado», a Forma a formas desta maneira:

SONETO

A noite... o silencio...

Se fosse sò o silencio!

Mas essa queda dagua que não pára! que não pára!

Não é dentro de mim que ella flue sem piedade?...

A minha vida foge, foge, e sinto que foge inutilmente!

O silencio e a estrada ensopadas com dois reflexos interminaveis...



Meus versos

CARLOS DRUMMOND

1—CORAÇÃO NUMEROZO

*Foi no Rio
eu passeava na Avenida quazi meia noite
bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeraveis
havia a promessa do mar
e bondes tilintavam
abafando o calor
que soprava no vento
e o vento vinha de Minas*

*Meus paraliticos sonhos desgosto de viver
a vida para mim é vontade de morrer
faziam de mim homem realejo inperturbavelmente
na Galeria Cruzeiro quente quente
e como não conhecia ninguem a não ser o doce vento
nenhuma vontade de beber eu disse acabemos com isto*

*Mas tremia na cidade uma facinação cazas conpridas
autos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida aos homens indiferentes
que meu coração bateu forte meus olhos inuteis choraram*

*O mar batia em meu peito já não batia no cais
a rua acabou quêde as arvores a cidade sou eu
a cidade sou eu
sou eu a cidade
meu amor*

2—MUZICA

(A PEDRO NAVA)

*Uma coiza triste no fundo da sala
Me disseram que era Chopin
A mulher de braços redondos como pernas
martelava na dentadura dura*

*sob o lustre respeitavel
 E considereí nas contas que era preciso pagar
 nos passos que era preciso correr
 nas dificuldades...
 Enquadrei o Chopim na minha tristeza
 e na dentadura amarela e preta
 meus cuidados avoaram que nem borboletas.*

3-IGREJA

*Tijolo
 andaimes
 água
 tijolo
 o canto dos homens trabalhando trabalhando
 mais perto do céu
 cada vez mais perto
 mais
 mais perto
 mais
 A torre*

*E pelos domingos a litania dos perdõis o murmurio das invocaçõis
 Ha um padre que fala do inferno
 sem nunca ter ido lá
 Pernas de seda ajoelham mostrando giôlhos
 Um sino canta a saudade de qualquer coiza sabida e já esquecida.
 A manhã pintou-se de azul.
 No adro ficou o ateu
 No alto fica Deus
 Domingo...
 Bem bão! bem bão!*

(«Minka terra tem palmeiras»)

O CARTEIRO

GODOFREDO RANGEL

(Especial para A REVISTA)

Ha certas antipathias, bem como sentimentos exactamente antipodas, que decorrem, como efeitos fataes, da natureza do cargo publico ou funcção social exercida por alguém. A presença de um medico, confort; a de um advogado, inquieta; do mensageiro do telegrapho, sobresalta. Sua simples presença desperta «mecanicamente», em nós, esses sentimentos. Como esses, os que exercitam outras profissões. E'-nos particularmente sympathica a vista do carteiro de nossa rua. Ao aspecto do maço de correspondencia que elle sustem nas mãos, em nossas veias corre mais acelerado o sangue, em éstos de esperanza. Não sei que encanto singular ha nas cartas que vamos receber de suas mãos. Naquelles pequenos rectangulos claros como que demora a realização de todos os desejos que são a nossa razão de viver. E' uma aventura imprecisa que vae, talvez, cahir em nossa vida e quebrar-lhe improvisamente o monotono rumo.

Com que alvoroço de silenciosa felicidade estendemos a mão para receber as mensagens desconhecidas que sua mão nos offerece! Somos taes quaes os jogadores de què nas fala Anatole, á espera de que seu numero saia. Não nos lembram as más noticias possiveis, aggressões de inimigos, mordidas da inveja anonymsa, novas de lucto ou de molestias. Aguardamos unicamente o alvorecer de uma ventura nova. E a viva emoção desse momento breve, marca, muita vez, no transitio acinzentado de nossos dias de labor e tédio, como em um ponto de luz, nosso unico momento de fugaz ventura.

Depois... a desillusão. Aberta a correspondencia, evaporou-se o impreciso delicioso que nos acelerou o sangue. Uma carta é um reclamo commercial; outra, nos enche de apprehensivos cuidados sobre a saude das pessoas que amamos ou sobre nossos negocios; nalgumas vêm maçadoras incumbencias que sacrificarão porção preciosa e irrestituivel de nosso tempo; mesmo as boas novas, se por acaso chegam, não tem o encanto do imprevisto e por isso nunca motivam a intensa felicidade que esperavamos. Emfim, é a propria monotonia da vida que mana do interior das sobrecartas dilaceradas, confluindo para a morosa correnteza de nosso existir, que prosegue seu curso monotono, aggravado de mais uma sobrecarga de preocupações.

Entretanto, apesar de tudo, cada dia a agradável sensação se renova e é-nos sempre grata a presença do carteiro.

(Fragmento)

Mulheres...

A. J. Pereira Da Silva

(Especial para "A REVISTA")

*Ha mulheres de olhares seductores
Que não fitamos nunca sem tormento.
Entretanto são frageis como as flores
E nós, os homens, fortes como o vento...*

*Ha mulheres de olhares seductores
Cujos graos de volupia é tão violento,
Que nos vibra os instinctos inferiores
Ou nos perturba o nosso pensamento.*

*Ha mulheres de olhares seductores
Como a luz matinal de um céu nevoento.
Essas nos deixam todos os languores
E calefrios do Enternecimento.*

*Ha mulheres de olhares seductores
E tão fataes no seu clarão ciumento,
Que a Senhora Santissima das Dores
Devia conservar-as num Convento.*

*Entretanto, são frageis como as flores
E nós, os homens, fortes como o vento...*

NOCAUTE

(Especial para "A Revista")

MARIO RUIZ

Acabo de ler um artigo. Isto é notavel. Ainda sou um sujeito de paciencia. No final, fiquei sabendo que todos os excessos de um delicioso seculo 20 provêm de uma alteração imbecilissima da glandula thyroidea. Pouco depois li outro artigo. Entrevista. Talvez o "Jornal do Commercio" a ache interessante. Tambem o Sr. Gastão de Carvalho, remanescente do verismo italiano. Tambem a platêa do Municipal, que enriqueceu os archivos escolasticos de suas galerias com a mascara barbadissima do Sr. Petrus Verdier, pintor de sujissimos tombadilhos, que não perdeu um só concerto do pianista Brailowski. Ah! é este o cavalheiro que deu a tal entrevista. E' o Sr. Brailowski quem acha que só uma dôr esquisitissima, um alanceado sofrimento-torquemada nos termos exactos do ribeiro pinheirismo, podem fazer nasce arte. Ou Arte. Questão de linotypista.

Está ahí. Num mesmo dia, dois cavalheiros pretendem justificar esse pessoalissimo problema da Arte com cousas que ainda mais vêm complicar a escura situação. Por que terá a humanidade precisão de socorrer-se desses elementos para comprehender as expressões de seu cerebro? Talvez medo de assombrações. Ou não. Pouco importa. A verdade que tudo isso não está certo.

Anedocta. Eis ahí a synthese dessas opiniões. Por ellas o poeta Baudelaire, que teve sem duvida mais dores que Dante, seria o mais formidavel poeta da terra, se acaso, tambem por ellas, o Sr. Oscar O' Flahertie não fosse ainda maior, pois teve a dôr bisnáo de uma cadeia. Não pode dar certo esse negocio. Arte é arte. Vida é fora da arte. Dôr é fóra da arte e da vida. Não digo que não possa entrar em ambos. Póde. Mas não tão profundamente que venha motivar a eclosão (sic) de novos rythmos. Isso é uma questão toda pessoal. Nem a guerra produziu a desorientação intellectual annunciada. A guerra foi um pretexto que a sociedade encontrou para fugir aos preconceitos que já desejava abandonar, antes do conflicto. O Sr. talvez não concorde, não é, Sr. Coelho Netto? E' verdade. E' possivel que o Sr. esteja sentindo as dôres da uma arvore que se pôrou diante dos golpes de um lenhador. Oh! um lenhador. Como é que veio isso parar nesta chronica? Acho esquesitissimo. Ora essa! Toca o bonde. Mas a Arte não poderá nunca aceitar essa dependencia. Nunca houve nada tão independente. Se não devcemos ser loucos, não sejamos escravos. E' muito mais interessante. Querer subordinar a Arte ás dores pode convir aos medicos. Tambem aos classicos. E aos criados de quarto, que serão csthetas fataes. Mas essa attitude trar-nos-ia um inconveniente. Teriamos certamente que affichar (purissimo gallicismo) varios livros descriptivos das vidas dos artistas. Si não comprehenderiamos nada da Arte. Puro Anacreonte. Oh, meu longinquo Alfredo de Musset! Oh Bruno! Vocês se apagariam na penumbra pallida da incomprehensão! O que talvez fosse melhor. (Vozes gritam que não). Mas eu nunca poderia ser um artista. Esta conclusão me serve. «E' modestia. Não. Nunca foi modestia». Oh! Oh! Oh! arte com «a» pequeno

NATAL

ONESTALDO DE PENNAFORT

(Especial para A REVISTA)

*A noite desce, lenta, no jardim
e estende sobre as arvores e os lagos
vãos de neblinas mais suaves e vagos
que perfumes de lyrio e de jasmim.*

*A noite sonha que não tem mais fim
com seus olhos somnambulicos e vagos.
Parece que andam a passar reis magos
com urnas de myrrha, incenso e benjoim...*

*No céu, a mesma estrella dos pastores
conduz... O luar é um halo em torno ao mundo
perfume, feito luz, da alma das flores.*

*E o luar, e a sombra, e os astros, e a agua, e o chão...
ao seu silencio de extase profundo,
abre-se a flor, triste, da solidão.*

A pesca da baleia (*)

JOÃO ALPHONSUS

(Especial para A REVISTA)

A sereia plangente soou. Resoou. Caras acres vieram ao tombadilho. E ao ruído monótono da machina, que o abalava da pôpa a prôa numa trepidação continua, o pequeno vapor costeiro ladeou cautelosamente filas de vassourinhas que surdiã das ondas á guisa de boias, enterradas nos bancos de areia. Depois começou a singlar o braço de mar, mais ligeiro na boa vontade da maré enchente. De ambos os lados, baixios extensos. Um conhecedor ciceroneava:

—O pharol do Pontal do Sul. A Barra que já foi cidade. Hoje nem povoado. O mar já lhe lambeu a maior parte das ruas. Lá estão dentro do mar os restos de uma igreja. Acolá, aquillo alvo, são os ossos de baleias pescadas.

—Pescam baleias por aqui?

—Pescaram. Ha muitos annos que não apparece nenhuma.

O logarejo tristonho, que a sanha do velho glutão verde lambia aos boccados, foi ficando atraz. Veio um trecho de praia despovoado e longo. Contrastando com o rasteiro do resto da vegetação, ou em claros de areia chocantes como calvicies, havia coqueiros, muitos coqueiros. A sereia soou de novo mais demoradamente. Chegavam. As caras acres se refaziam na certeza do fim do supplicio. A prôa embicou rapido prá ponte carcomida do modesto porto. Uma atracação demorada. Azafama trapalhona. Gritos. Pragas obscenas.

Josephino olhou. Acocoradas ao sol rijo, umas casinhas dorminhocas espiavam. Os telhados de zinco tremulos na canícula. Um cata-vento preguiçoso rodava gemia. Pela paysagem toda coqueiros. Muitos coqueiros. Sempre coqueiros. Seu tio, celibatario obeso e negociante de madeiras, aproximou-se de braços abertos, um grande riso no carão tisonado.

*

Começaram os dias de pasmeira melancolica. O tio morava em frente do braço de mar, cujas aguas subiam e desciam na maré incantavel. De raro em raro atracavam a velha ponte pequenos cargueiros. Lá ficavam alguns dias numa lufa-lufa de marítimos e estivadores. Chegavam pela estrada de ferro trens de carga trazendo tóros gigantescos ou saccas de café. De caféiros e florestas distantes. Era toda uma riqueza que passava praos porões dos navios, aproveitando o trabalho de alguns habitantes e diante da indiferença dos outros, que viviam de pesca, de indolencia. Toda uma riqueza que ia pra longe sem beneficiar o pobre

(*) Pra melhor comprehensão de alguns trechos consultar os filmes com lobos do mar e escumas de pesca. N. do auctor.

porto. Quando os cargueiros largavam, pejados até ao convés, tudo re cahia numa suprema inercia, que os gemidos do catavento tornavam mais triste, mais intoleravel . . .

Elle desesperava. Era alli que viera curar-se do seu nojo da vida, de sua NAUSEA INFINITA . . . No emtanto !

Percorria os compartimentos da casa, nervosamente, ou ia deitar-se á sombra da mangueira que havia perto das ondas. Uma grande ancia denirvanizar-se. De indenticar-se com a preguiça ambiente .

*

Queria agora ter contacto com os habiantes do logarejo estagnado. Diante da sanguieira do poente—um poente longinquo no baixio da outra margem—ia largando um hiate esguio. Lento lento . . . No fundo da paysagem a mulher de preto agitava um lenço. Elle a olhava de longe. No crepusculo triste aquella saudade . . . Foi andando. A mulher foi-se definindo vulgarissima. O vestido preto desbotado manchado. Os tamanços de velludo preto sujo com bordados vermelhos. Mas o rosto moreno bonito.

—Tem muita saudade delle?

—Delle quem ?

—Do embarcadiço.

—Si «tienho» . . . Ora! depois delle vem outro . . .

Rodou agilmente num dos saltos dos tamanços. Enfrentou-o sorrindo os dentes claros em que havia bem no meio uma pequenina carie.

—Quem sabe si não será você ?

Affastou-se num riso. O corpo esguiu não ondulava esguiu e forte. De sobriedade masculina. A desenvoltura cynica não causara repulsa a Josephino. Alli não havia alma . . .

*

A noite cahia sempre maciamente depois do dia fornalha. De todos os lados o luceluzir silencioso dos vagalumes. Nenhum fremito de aza retardada no espaço. Percebia-se o esmaecer gradativo da luz. Algum ruido que se ouvisse era como uma ordem de silencio, mysteriosa e imperativa. De silencio fecundo. De bemfazejos esmorecimentos.

Irrompia nos mangues ephemeros da maré plena a orchestração dos sapos, que se calariam quando a maré baixasse. O sapo ferreiro batia o compasso em tantans continuos e cantantes. Noite a dentro, nevermoreoscamente, uivos, urros, ladridos, mugidos, gemidos . . .

Oh! as noites infinitas do seu degredo voluntario . . . Insomnia. Abre a janella. O vento traz-lhe o cheiro da maresia e o marulho das ondas. Não pode dormir suffocação pelo calor. Alem do calor, ha *alguma coisa* que não deixa elle dormir. Ha pouco um rumor ergueu-lhe as palpebras. Rumor? Não. Coisa alguma escutara. Nada sentira materialmente. Tinha sido qualquer coisa indefinível que o fizera erguer-se repentinamente, como a um incubo medievo . . . A tenebrosa epoca dos incubos tão longel Entretanto . . .

A' esquina o lampeão está palpebrando morrente. Nas outras esquinas, os outros já apagaram. Os sapos incansaveis nos mangues como num desespero. E o ruido rascante rouquenho do moinho enferrujado a

cada lufada... Os habitantes dormem, indolentemente resignados. Está sò. Está consigo mesmo. Nasce-lhe no intimo a absurda certeza de que alguma coisa mysteriosa vae acontecer irremediavelmente...

Vivia as noites num estado horrivel. A estagnação infantilizava-lhe o espirito exausto. Voltavam temores dormidos das assombrações da meninlce...

*

A's vezes a mulher cynicá surgia. Ouvira que se chamara Maria Araponga. Passava por elle cheirando aervas selvagens e sempre rindo a pequenina carie ..

*

Apesar de tudo, só desejava continuar vegetando alli mesmo. Mas numa casinha sua. Si não pudesse materializar-se como o tio, amigo das piadas de Boccage, Emilio de Menezes e Rodrigo Gesteira, mandaria vir os seus livros. Compraria outros. Pouco dinheiro lhe bastaria. Mas onde arranjal-o?

O veleiro Itan, chegando por uma clara madrugada, trouxe a insolita noticia de ter sido vista uma baleia aboiando fora da barra. Era um meio... O tio emprestou-lhe o dinheiro. Sentia-se agora outro, azafamado, quasi alegre, a contractar os homens. Iria com elles. Desejava apreciar de perto—*soffrer* o arrojo dos pescadores de sua baleia...

O tio procurou dissuadir-o. Explicou-lhe á maneira audazmente primitiva daquella pescaria excepcional. Cada qual por si, caso a baleieira adernasse. E si de braços com a morte, tentasse apegar-se a alguém, este se defenderia a soccos. Josephino respondeu num sorriso calado. Que lhe valia a vida?

*

A baleieira foi-lhe parecendo cada vez mais fragil emquanto o pequeno veleiro que a rebocara, retornava um pedaço de mar para lançar ferro á espera. A impressão de um crescente isolamento... O veleiro ficou-se no horizonte inquieto. Primeiro um ponto branco, pequeno, pequenissimo, que logo se desfez—a vela logo amainada. Depois um ponto escuro, menor ainda, minusculo, quasi invisivel.

Os remeiros fizeram alguns movimentos machinaes e morosos, como invadidos pela mesma preguiça que azeitava o mar. E abandonaram os remos inuteis ainda. Todos silenciavam pacientemente. Deixavam repousar os musculos pra melhor aprestal-os á hypertensão do imminente ar-rojo. Cabeceavam mollemente ao balanço olhando as vagas. De vez em quando, cançados da immobilidade, respiravam fundamente. Os corpos rijos buscavam novas posições repousadas. Embora affeitos á pesca, a empresa rarissima commovia-os. E os olhos permaneciam fixos, como si esperassem que a força unanime de um só olhar accioso fizesse vir á tona o cetaceo.

Josephino porem impacientava-se. Começava a sentir o cheiro desagradavel dos corpos tão proximos, castigados pelo sol matutino, ja impiedoso. Poz-se tambem a olhar as ondas. A oscillação parecia-lhe marcar um escorrer viscoso de tempo, ao influxo de uma pendula gigantesca que se movesse na asonia submarina...

Os remos num rythmo heroico! João da Cruz o negro arpoador agitantando-se desmesuradamente na prôa meneou sobre o corpo de aço o arpão de aço... O esforço do lançamento diminuiu a arrancada... O negro teve o grito selvagem da victoria:

—ARPOADA!

O cabo armado ao arpão fugia na fenda feita na prôa rapido raspando rr fugindo fugindo até! O barco fragil arrastado numa esteira do sangue... Os ouvidos na vertigem do vento! A cada rabanada irritada de monstro os homens esvasianço o barco inundado! esvasiando como machinas! COMO MACHINAS!

*

—Corta o cabo! Corta!

Revoltava-se em vão contra o pavor immenso, incoercivel, estúpido... A coragem do mestre ironizou asperamente:

—Deixa de besteira, moço!

—Corta!

—A baleia *está no gato?*

Um outro homem decifrou com absurda tranquillidade:

—O sr. paga a baleia?

Sem resposta elle aniquillou-se no fundo encharcado. Porque aquella covardia? Podia morrer, morrer... E os seculos no vento!

*

—Vae encurtando o cabo... Ella não pode resistir muito tempo ainda. Prepara a lança, João da Cruz!

—Acho que é cedo. O bicho está duro!

Mas a onda repentina avolumando-se sobre! E o pavor infinito...

—Corta a corda pelo amor de Deus! Eu pago!

O mestre tirou a faquinha de bordo e golpeou o cabo reteso. Os olhos desapontados seguiram a ponta desaparecer...

Tinham sido arrastados durante horas pra longe sem rumo. Olharam praos lados. Horizontes movediços vasilos já na tarde... Levantaram do fundo o pequeno mastro com a vela molhada. Encaixaram o mastro e abriram a vela, pra que o sol quasi horizontal a seccasse. E começaram a navegar vagarosamente, ao influxo do vento brando na vela pesadissima, numa incerteza. Onde estaria o veleiro?

*

Noite a dentro, os homens foram-se despindo. Tinham queimado tudo para chamar o veleiro. Queimavam agora as vestes. Espectralizavam-se gigantescos e nús aos bruxoleios. O silencio do mar allucinadamente calmo ganhou-os. E elle ausente no fundo encharcado...

*

Só pela madrugada elles enxergaram a vela [branca do veleiro que navegava tambem incerto à procura.

*

O olhar do tio obeso teve um brilho de colera e amorteceu num desprezo. A mão rude botava o dinheiro na mesa. O preço da baleia... Vagarosamente. Com a lentidão de um supplicio chinez...

Lá fora a alma do logarejo estagnado escancarava-se numa gargalhada homérica.

E a mesma noite sem remedio nos mesmos lampeões palpebrando no mesmo catavento gemendo...

*

Perambular na sombra seria melhor do que ficar no quarto enorme, cujas paredes dançavam ao clarão inquieto da lamparina. A sombra nirvanizadora... O lampeão da esquina extinguiu-se. Outros luceluzam agonicos. Os coqueiros crescendo nos relampagos que feerizavam os horizontes. O ceo sem estrellas...

Ia num S de resistencia contra o vento humido. O vento sul começara rijamente, annunciando borrascas na fulto mar. Era o vento que vinha da sua cidade longe. Que passara pelos alpendres das trepadeiras. Pelo pequeno jardim com rosas...

Seguia a estrada de ferro. Aquelles trilhos conduziam a outros formigamentos da mesma humanidade odiosa...

—Que diabol! Você não enxerga ?

Um relampago illuminou-os. A Araponga de preto gargalhou um sarcasmo. E na sua voz quebrada:

—Ah! E' você... Toda gente está-se rindo de você... E medrosos commigo ... nada!

.....

.....

Na tempestade desabada o trem [parava ESMIGALHADORA-MENTE...

De NAUSEA INFINITA - romance *manqué*

Caravellas (Bahia)—1922.



O POEMA MAIOR

WELLINGTON BRANDÃO

Arte, Divina apaziguadora dos tormentos do meu espirito,
como é doce a tortura da tua consolação !

O teu beijo penetra a minha alma, e a minha alma se abre
como os lagos quiétos, em circulos immensos e sonoros, em circulos
immensos e sonoros que se desdobram indefinidamente pelo
Infinito...

Poesia do Indefinivel, musica do Immusicavel, tormento es-
tuante e fêrvido do Silencio !

Estrella guieira do meu Pastor Espirito...

Ariadne luminosa e casta, que fias em oiro casto e lumino-
so o fio dos meus extases irrevelados, o fio dos meus sonhos in-
conhecidos, o fio das minhas dores mais placidas e profundas...
Arte. Pairas sobre os meus dias mentirosos como o meu unico céu
constellado de estrellas.

Pairas sobre as minhas noites verdadeiras como o unico sol
da minha vida.

Bendigo o misterio que colou os meus labios nas tuas pe-
gádas luminosas e imperceptiveis !

Bendigo o misterio que gerou o meu Destino, de sombra tua,
de mariposa visivel na tua luz invisivel !

Bendigo o misterio que projectou o meu espirito, como um
projétil pequenino e sonóro, nos circulos immensos do teu des-
lumbramento !

Bendigo o misterio que semeou no meu coração os gérmen-
das tuas arvores que frondejam no Infinito, as sementes dos teus
jardins que desabrócham em Deus !

Bendigo o misterio que trespassou a minha alma da tua Dor
suprema, que constrinjiu a minha alma nos cingulos doces das
tuas supremas Angustias !

Bendigo ò Arte, o misterio que paralisa em minha bôca a
revelação do meu segredo !

Eras tu que cantavas, no canto embalador de Mamãe, para
fechar-me os ólhos cismadores e rebeldes ?

Eras. Eu me lembro das estrellas, no céu alto e longinquo,
sobre a paisagem adormecida...

Eras. Eu me lembro do ritmo grato e doce do berço, sob o
céu alto e faiscante, que constellava no rectangulo da janella como
uma bençam para o meu Lar...

Eras. Eu me lembro daquelle canto, que era como a surdina suave de todos os cantos que a minha ternura não poude cantar !

A Vida se me espraizou ao olhar, como um deserto povoado de gritos e de risos...

E a dor da Vida levantou-me os punhos crispados de terror e heroismo...

Mas tu me puzéste as mãos immateriais e compassivas sobre os meus ólhos ardentes, para que as minhas lagrimas rebentassem na dor mais profunda da resignação e da esperança !

Meu desespero esteve prêtes a alçar a sua adaga inutil e chammejante sobre a Vida

Eu queria decepá-la, de um golpe ousado, que deixasse no vazio e na inercia de tudo uma repercussão cantante e dolorosa como a Vida!

Então, ó arte compassiva e maravilhosa, tu me explicaste o sentido da Vida: a Dor, o Desalento e a Desesperança em tumultuoso atropêlo para Jesus, aquelle teu filho que ensinou a sabedoria do Coração...—o Odio, a Luxuria e a Inveja em carreira desapoderada para Socrates, aquelle teu outro filho que ensinára a sabedoria da Justiça...

O sentido da Vida: a onda immensa de dores e impiedades subindo, como um mar de trevas, as montanhas successivas, em cujos cumes, successivamente, o canto de seus filhos renova a esperança da Vida !

E eu pude seguir, ó Arte, pelo deserto povoado de gritos e de sombras, carregando; muito alto, sobre elle, o meu coração varado pela tua graça, para que o meu coração se esparzisse sobre a Vida num chuva de lagrimas e de bençams !

E si tu não me explicasses o sentido da Vida ?...

Arte. A Vida, sem a ternura, a Vida, sem o sonho, a Vida, sem a dor, seria como as charnécas desoladas onde os lobos uivam longamente...

Tu reuniste os teus filhos no teu grande Lar maravilhoso e casto, ao rédor da tua Lareira de heroismo e bondade.

Tu és a Mãe de meiguice immensa: tu contas historias tão profundas aos teus filhos pensativos !

O vento uiva. O mar estronda. As arvores se estórcem como fantasmas shakespereanos. O céu ri sarcasticamente o riso tenebroso das faiscas. A Vida referve em sombra, desdobra-se nos sete circulos concentricos do seu desespero. A Vida se multiplica num turbilhão de braços descarnados e silenciosos, que tacteiam e apalparam a Mentira piedosa que adejou no Alto...

Então, ó cavalariana gentil, nua e resplandecente como a Verdade, do alto do teu corcél de bruma e neve, trespasas o Unívverso com a tua lança chamejante !

Uma paixão extemporanea

ALBERTO DEODATO

Aquelle baile, por falta de assumpto, constituiu, por muitos mezes, o prato do lugar, bicado em todas as portas e todas as casas em que morasse mais de uma pessôa. Diziam então que, na casa de d. Nica, na manhã seguinte, commentou-se á porta a reunião politico-social da casa do juiz. Pela manhã, cedinho, embarafustaram-se, pela casa das Segismundo, os convivas da vespera. Ninguem, naquelle amplo dormitório de telha van, pregara os olhos. Sobre tres largos catres de casal encolhiam-se aos pares Visuca e Lalá, Chininha e Fulô, Fifi e Nanoca. Falaram sobre o baile no resto da madrugada e áquellas horas em que chegavam as visitas, estavam todas de olhos abertos, em camisa, cabellos desnastrados, olhos de tresnoite, o quarto no desalinho costumeiro; sobre as janellas escancaradas, escovas de dente e graxas de sapato, os vestidos amarrotados pelos pregos e cadeiras, meias e sapatos pelo chão e, em cima do vestido preto de seda de Visuca, ronronava, vadio e molle, o gato da casa... Na parede, pendurado dos pregos registros de Santo Antonio e S. José e dos tornos das camas pendiam rosarios negros e grossos. Só Visuca levantara e, desde seis horas que estava catrapiscando, da janella da rua... Quando voltaram do baile, altas horas, foi necessaria a intervenção de d. Nica para não haver briga no quarto... Lalá discutira com Nanoca por causa do Rosa, que, na opinião de Nanoca, ficara completamente bebado e Fulô chamou Visuca de marafona que se andava arreganhando para o promotor... Quasi havia sopapo.

—O promotor!, exclamaram, admiradas, as visitantes' sentadas pelas camas e canapés...

—O promotor!, affirmou Lalá, sentando-se na cama e pregando um grampo nos cabellos...

—Não faça isso, Chininha!, gritou Fulô de sob os lençõs. Parece uma egua dando pontapés!...

—Commentaram á farta o baile que a todas agradou, embora, Lalá viesse de lá aperreada porque não gostava que o Rosa marcasse quadrilha...

—Fulô, muito santa, foi reparada no par constante com o Maneco da pharmacia.

—Eu?! exclamou, fingindo admiração a Fulô, abotoando a camisa por onde se pendurava um peito comprido e murcho... Fallam de mim, e a Violeta do seu Florindo?!

—Violeta era uma sem-vergonha, aparteou Lalá. Teve o desplante de dançar agarradinha com seu Serapião do Sumidouro, um homem casado, com quatro filhos e cabello branco!

Apartearam que tanto era sem-vergonha elle como ella, porque si um tinha o lar, a outra tinha a virgindade e o nome p'ra zelar,.. Depois de Violeta, veiu o cardapio completo dos que foram ao baile; a gordura de d. Santinha estava parecendo cousa e não passou despercebido que ella dançava muito agarradinha com o Tónico Sapateiro...

—Que homem immoral!, exclamou a Vicentina, filha do escrivão do segundo. Não danço mais com elle, agarra muito a gente!

—E d. Santinha é filha de Maria!, observou outra.

—Que peccado!

—E viram a santidade da Bitu, do seu Inuocencio? lembrou-se outra.

—Santinha, aqui, esganiçou Nanoca, pulando em fraldas da cama e puxando a palpebra com o indicador do pau ôco... Ella é mas é uma cadela! Tinha confessado hontem mesmo e, de tarde, estava sozinha no quarto com o Prudencio...

—Sozinha?!, emendaram as filhas do Segismundo.

—Virgem! exclamaram todas.

A Bitu era, na opinião dellas, a vergonha do Partido. E não pensassem que ella era muito caranguejo. Ha tres dias viram-na entrar na casa de Bertholini... Anda levando e trazendo. Tudo que se passava nos caranguejos elles lá sabiam. E era a Bitu, apostavam, que levava... Naquelle dia mesmo já ouviram commentarios na outra praça sobre o baile... A empregada do Bertholino dissera no Rio, onde lavavam, que foi uma cachorrada...

—Cachorrada? o que foi cachorrada?, pergunta a Vicentina.

—De certo o baile de hontem!

—Cachorrada são os bailes que elles dão na casa delles e em que não vae ninguem...

—Tamem andam dizendo que a gente não tem oratorio para guardar o promotor...

—Isso até mette odio. Dá vontade de matar todos os pestes dos pata-chocas!, exclama, irada, Vicentina...

Cantarolando e arrastando as chinellas de peito bordado na ponta, a Visuca entra no quarto:

—Elle ainda não acordou, disse descuidada...

—Elle, quem?, indagam avidas.

Visuca corou e sorriu.

—O promotor! declara Fulô, que estava zangada com a irmã.

—Mentira!, exclamou fracamente Visuca.

Nair, intelligente e ironica, accrescentou:

—Pensa que eu não vi?

—Mentira... aparteava Visuca, a meio sorriso, torcendo o torno da cama...

—Dançaram par constante... juntinhos... fallaram baixinho...

—Mas que mentira!

—... e no fim você bebeu o resto do calice em que elle tomara vinho do Porto...

—Quem lhe disse?, perguntava Visuca, sorrindo, amollecida, virando os olhos... Mas que mentira, gente!...

—Quem ver ella dizer... mas que mentira, gente! pensa que é verdade mesmo, bradou indignada Fulô. E' mentira mesmo que o promotor não te ligal

Visuca corou e, quando enraivecida, perdia o pó de arroz da educação. De punhos cerrados, marchou para a irmã.

—Si elle não me namorou, muito menos a ti, sem-vergonha, que elle tem olhos para ver...

—Tens ovos de Perú, aparteou calmamente Fulô...

—A tua bocca desdentada...

E dahi passaram aos nomes feios, grandes, horriveis. A's tantas, Visuca, de dentes cerrados, agarrou-se ao pescoço da irmã, em fraldas... A' porta do quarto, appareceu a rachitica figura do Napoleão Bonaparte. Ao ver as duas agarradas, alheias á intervenção das visitantes, gritou muito fino, tapando os olhos:

—Ail! Acuda, seu Segismundo!

E, em breve, enrolando um cigarro de palha, muito calmo, o Segismundo, ao ver o quadro, coçou a cabeça e exclamou:

—Vocês não me respeitam?!

—E' esta peste, gritou a Visuca!

—Essa sem-vergonha, aparteou Fulô.

—Virgem Mãe de Deus!, exclamou o velho. Nica, acode as meninas...

D. Nica desgrudou as filhas que, em lados oppostos, cahiram em pranto escandaloso sobre a cama...

O sol, no quintal, amornava já as bolas de ouro das laranjeiras carregadas...

Do romance—*“Flôr do cardo”*



Cabral e seus precursores

S. TOME'

OROSIMBO NONATO

Hoje em este dia, vinte e nove de Dezembro, dia de S. Tomé, caiu-me aos olhos, por acerto, uma pagina de Constancio Alves sôbre as tribulações desse glorioso discipulo de Jesus; o qual discipulo, segundo o illustre academico, não merece o oblivio em que o relegaram os crentes, á conta, quiçá, do momentaneo scepticismo com que duvidou da ressurreição de Cristo, sendo, por isso, confundido com a presença real do Divino Mestre e com aquellas palavras de belleza eterna, porque divina:—

«Tu creste, Tomé, porque viste; bem-aventurados os que não viram e creram.

Anda o nome veneravel de S. Tomé liado á nossa historia por uma lenda que, talvez, ainda persistiria, se a voz de Roma não viesse fulminar as atoardas em que ela se fundava.

Antes de Cabral, antes, muito antes, veiu ao Brasil um homem vestido, alto e corpulento, de barbas longas e cans.

A esta personagem extraordinária chamaram os indios Sumé.

Era o proprio S. Tomé; o qual, repulso da cêga gentilidade houve de convolar á India, deixando, porém, em pedras sinais de suas pisadas.

Estariam os pés do Santo, de volta das riscosas peregrinações pelos Brasis, teridos e maltratados de cardos e de urzes, mas belos, daquella belleza que encantava a Isaias, o profeta:—*Quam pulchri super mentes pedes annunciantis praedicantis pacem!*

O caso era assim narrado pêlos cronistas de antanho:—

E' publica voz e fama, por tradição imemorial, que á Baía de Todos os Santos, entre a abominanda gentilidade, veiu um dia o bem-aventurado S. Tomé a derradicar praticas selvagens, a dar bataria a costumagens bárbaras, a ensinar, pela pregação e pelo exemplo de sua vida irreprochavel e puríssima de Cristo Jesus a doutrina verdadeira.

O Apostolo, porém, com que mirasse ao fim supremo de salvar as almas, não descurava dos corpos, de feição que ao mesmo passo que aos indios lhcs, a muito grande afã, incutia a Verdade, atentava para suas comodidades materiais.

Ensinou-lhes o cultivo da mandioca, raiz branca, tamanha como cenoura, de que faziam pães, e da banana de S. Tomé, mui saborosa.

Fingiram os selvagens, a principio, com palavras e mostras de ledice, acolher em boa sombra o Santo; mas «como al diziam com as linguas e al tinham nos corações,» desvelaram descridos, alfim, sua danada tenção de o matar e comer,

Instigados, talvez, de seus pagès e bajancos, cujas trafulhas o Apostolo infatuava, levaram-no os indios, entre barbatas e ameaços, até a uma praia alvadia, chamada do Embaré, de onde o Santo, mais

ferido da ingratidão que do temor, menos pavoroso que maguado, d uma passada de meia légua se pôs em salvo e foi á ilha de Mará eda á India; para, após tribulações longas de contar, santamente rematar a vida em Meliapor, do Reino de Narsinga; onde, com o coração em jubilos celestes, recebeu a palma suprema do martírio.

Como os gentios não usavam escriptura, nota Fr. Vicente do Salvador, não ha da estada do Santo mais prova do que se achar uma pé-gáda impressa «em uma pedra em aquella praia, que diziam ficara do Santo quando se passou á ilha, onde, em memória, fizeram os portuguezes no alto ùa ermida do título e invocação de S. Tomé.»

Sebastião da Rocha Pita, com o natural vigor de seu estylo colorido, dando noticias de algumas dúvidas sôbre o caso, forceja por demonstrar o injudicioso dessas duvidas, fundadas somente na dificuldade de trânsito, ainda incognito, do velho mundo para o novo.

A objecção não é cabal a destruir a fama e está naturalmente destruida, assevera, «com o transito que á America fizeram os seus primeiros habitantes».

Demais, observa com agudeza, Cristo Senhor Nosso mandou aos seus Apostolos prégassem o Evangelho a *todas as gentes, por todo o mundo*, e não consta que outro Apostolo viesse ás regiões americanas, tantos seculos habitadas antes da Redenção.

Sacerdotes da maior suposição, Pedro de Ribadaneira, o glorioso Provincial Manuel da Nóbrega, jesuitas ambos de dois, colheram directamente a tradição entre os indigenas e a julgaram benemerita de fé, por verisimil e constante.

De ser o Apostolo S. Tomé o que nas Americas prégon a doutrina evangelica, affirma muito a siso Rocha Pita, ha provas materiais, mostras irrecusaveis:—cruzes com letras e figuras que declaravam o proprio nome do Evangelista, como escreveram Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, o Bispo de Chiapa e o renomeado Justo Lipsio; e sinais, em pedras, do seu cajado e de seus pés.

Apesar de semelhantes argumentos, a dúvida, no seio da propria Igreja, entrou de trabalhar e desfez a tradição. «Não é licito reputar milagrosos fenomenos que cabem na força da natureza». A Santa Séde, suprema autoridade do Catholicismo, nunca foi fácil a admitir milagres a que não roborem provas onipotentes». E não eram desse calête as que acompanhavam a tradição da vinda do Apostolo ás Americas.

Omnis fallatia tempore clauditur.

A Santidade do Papa Urbano VIII, em 1632, pôs t ermo a qualquer disceptação e repeliu definitivamente a veracidade da fama que se dizia colhida entre os gentios.

O voto venerando do Papa Romão já era, naturalmente, conhecido de Fr. Gaspar da Madre de Deus, historiador da Capitania de S. Vicente; o qual escreveu em pleno século XVIII.

Nega o monge beneditino, vigorosamente, a veracidade da tradição.

Para ele os vestigios nas pedras—fundamento da lenda—são «tão naturais como as pé-gádas de galinhas, cães e outros animais que vemos estampados em ladrilhos».

«Se bem examinarem as célebres pé-gádas de S. Tomé, tão decantadas no Brasil e em outras partes da América, hão de conhecer que to-

das se veem gravadas em certas castas de pedras a que alguns filosofos chamam vegetativas.

A experiencia mostra, e os fisicos modernos ensinam que a dureza das rochas é adquirida, e não congenita com ellas. As pedras vegetativas a seu modo crescem com camadas de ùa materia branda, que pelo tempo adiante se torna rija. Depois da primeira camada estar petrificada, ajusta se sôbre ela outra da mesma natureza e brandura, a qual tambem se torna dura, depois de conclutinada com a primeira, e os incrementos successivos fazem que a pedra antiga tome maior corpulencia. e assim se vae aumentando».

• (Toda essa argumentação está acreditada com extenso texto latino de um gratissimo doutor).

Conclue, assim, victoriosamente o cronista mór da Ordem de S. Bento:—

«Se, pois, algum índio pizasse o rochedo quando a sua superficie estava mole, havia de succeder o mesmo que acontece quando as gallinhas passam por cima dos tijólos frescos, porque ficaria impresso o pé do índio, e depois de dura a massa. onde tivesse pizado, ficaria a sua pégada no rochedo, e tão firme como o da gallinha no tijolo cozido».

Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, escritor do Nove Orbe, não se contenta só com a vinda de S. Tomé ao Brasil e dá-lhe companheiro na perigosa evangelização: — um menino de cinco ânos, talvez o seu Anjo da Guarda.

Fr. Gaspar confuta-lhe vigorosamente os argumentos e, aproveitando a menção, combate o ensino cronista dos frades menores de que os filhos do Serafico S. Francisco foram os primeiros que, depois de S. Tomé, trabalharam entre os gentios brasilienses na vinha do Senhor

Quanto ao outro argumento, de que algum Apostolo devêra ter vindo ensinar a verdadeira Religião ao gentios, pois o Senhor mandou pregassem o Evangelho a *todas as gentes*, foi respondido que a missão cometida aos Apostolos não se limitava á vida destes Apostolos, entendendo-se que a ordem se dirigia. não a eles só, senão tambem a seus successores:—comprehendido o que, o argumento desavulta de importancia e perde todo momento.

Restaria talvez meditar em como, depois da Redenção, por dilargados tempos, falecidos de qualquer ensino e pregação, permitiu a Providencia ficassem os gentios em ceguidade completa, envoltos nas trevas da ignorância da Verdade, com perda, talvez, de muitas almas, se a essa meditação, algo defesa, não dêsse cabal resposta o pensamento, humilde e cristão, do Conde de Barcelos, no Livro das Linhagens:—As coisas ordenadas de Deus, veem áquilo que a Ele praz e não assim como os homens pensam

.....

Em tudo isso pensei neste dia de hoje, vinte e nove de Dezembro, dia de S. Tomé

E mais que o esvaecimento da lenda foi resultado da applicação do metodo que o proprio Tomé, antes de ser grande santo, preconizava:—ver para crer.

Sinaes iniludiveis de sua vinda á América nunca foram vistos. E os posteros repelliram, alfim, a tradição.

Descreram; porque não viram

29-Dezembro-1924

A MONTANHA AZUL

CARLOS GÓES

Das janellas de seu palacio mirifico costumava o joven Rei deter-se a contemplar, maravilhado, a linha de montanhas perfiladas no horizonte, por onde se estendia o territorio de outro reino vizinho e amigo.

Vistas de longe, esfumadas na bruma, as montanhas do paiz confinante vestiam-se de um leve tom azulino, de um tenue azul quasi ceruleo. E o joven Rei mortificava-se de despeito, ao lembrar-se de que as montanhas de seu paiz eram vulgarmente verdes, como o são todas as montanhas, e só as do paiz convizinho fugiam a essa vulgaridade, de que os seus olhos andavam entediados.

Afigurava-se-lhe uma injustiça dos deuses, sinão um agravo á sua religiosidade sempre manifesta, aquella disparidade de cor, que tanto realçava o aspecto de terras alheias fronteiras ás suas, e ás suas obumbrava-as na mesma tonalidade gasta e sediça.

Então o joven Rei, pretestando uma visita de cordialidade ao soberano, do paiz vizinho, deliberou verificar de perto o singular encantamento. Poz-se em marcha com sua vistosa comitiva. Emquanto ia a caminho, levava os olhos fitos no horizonte, póstos nas montanhas azues que se recortavam ao fundo, como se fossem os pannejamentos de uma apothese de magica.

A' proporção, porém, que se avizinhava o termo da jornada, começou de notar, com grande espanto, que a tonalidade maravilhosamente azul se ia a pouco e pouco transmudando para o verde vulgar das paysagens vulgares — e que essas montanhas eram eguaes a quaesquer outras, com as mesmas arvores espinhosas, as mesmas serpes venenosas, os mesmos insectos nocivos, os mesmos

(Contlnúa no fim da revista)

Momento brasileiro

II

MAGALHÃES DRUMMOND

(Especial para A REVISTA)

Em todos os dominios da actividade collectiva, revela-se esse esforço, resae essa tendencia, prepondera esse designio. Aqui, mais exuberante, mais vehemente, gritador, emphatico, estouvado, irreverente e francamente econoclasta; de onde em onde, mais calmo, mais ductil, mais maneiroso, mais condescente, mais paciente, menos apressurado e mais tolerante, mais disciplinado e mais organisador; aqui, ali, acolá,—por toda parte mais profundo do que o que sob essas formas se mostra, e mais organico, mais estructural, mais instinctivo, mais intrinseco, mais silencioso, mas tambem mais perseverante, mais inacessivel ás reacções adversas, mais obscuro, mas madreporico e teimoso, esse esforço brasileiro, assim proteiforme, esse anceio brasileiro, assim diffuso e profundo, essas aspirações, essas afflicções e essas esperanças brasileiras ahi estão, por toda parte, agindo, sem descanso e sem fadiga,—ahi estão circulando, de continuo, no sangue da vida brasileira, e ahi o estão hematosando, e se integrando nelle, lhe augmentando a dosagem de elementos nobres, e, assim, aperfeiçoando no organismo nacional as condições de vitalidade. E, dess'arte, em todos os dominios da actividade, dos mais instinctivos aos mais bem e mais constantemente controlados pela intelligencia e pela vontade.

No dominio idiomatico, já se operou uma perfeita differenciação entre o «portuguez» falado pelo brasileiro e o «portuguez» falado alhures, mercê, isso, da transfusão, no velho idioma, de elementos linguisticos absorvidos do indio, do negro e, principalmente, dos grandes *rushes* immigratorios europeus, e mercê tambem das influencias do meio cosmico. Os «modismos» brasileiros que o grammaticismo intransigente por tanto tempo condemnou e prescreveu da lingua ensinada nos compendios e lecionada nos collegios, esses «modismos» incorporam-se definitivamente na lingua a que enriquecem com uma maior opulencia vocabular, e a que enobrecem com um mais forte e mais precioso poder de expressão, e a que embellezam com modulos novos de uma nova e maior doçura. Já não se fala aqui a doce lingua portugueza,—fala-se a lingua brasileira ainda mais ductil, mais plastica, mais modulada, mais musical, muito mais expressiva, muito mais espiritual, muito mais humaua, muito mais linda. Já uão se pensa em «portuguez», pensa-se em «brasileiro»: a differenciação idiomatica não se fez só nos symbolos, nas formas de expressão do pensamento, mas se mostra já, principalmente, no maior poder de evocação dos nossos termos. Destes nós possuimos já não só o sentido verbal, senão tambem todo o conteúdo emocional e ideologico.

Na arte—em todas as suas manifestações—prepondera o «assumpto brasileiro» e vae já adeantada a formação de uma «technica bra-

sileira». E o *brasileirismo* que predomina nos assumptos já não é o «indianismo», aquelle *brasileirismo* posticho, inoportuno. «temporão», anachronico, porque apenas retrospectivo, porque creado exactamente no preciso momento em que o indio desaparecia do scenario da vida nacional—diluidos e absorvidos quasi totalmente na mestiçagem os remanescentes da guerra de exterminio. O «*brasileirismo*» em arte já não é aquelle de ficção e de oitava dos—versos de Gonçalves Dias e dos romances de Alencar e que só poderia viver enquanto durasse o resôo, aliás bem duradoiro, da forte e formosa imagem auditiva creada pelo maravilhoso poder verbal desses dois grandes escriptores. Muito longe disso. O *brasileirismo* que ahi está hoje imperando em a vossa literatura é o *brasileirismo* organico, intrinseco, estructural de Euclides de Cunha, de Bilac, de Arinos e de Catullo: é o retrato,—á agua forte, do brasileiro em sua actual sedimentação ethnica; é a projecção da mentalidade do brasileiro, tal qual a deixou formada o caldeamento de raças, em transfuzões e permutas seculares. Este, o «*brasileirismo*» com raizes no nosso sub-solo ethnico e que ha de durar porque se entronca e se enseiva naquelles elementos mesmo a que, com razão, Euclides da Cunha chamou de «cerne da nacionalidade».

E porque não só nos plainos e nas montanhas do interior vive o brasileiro, senão tambem nas cidades litoraneas ou que do litoral se abeiram,—o «*brasileirismo literario*»,—embora sempre o mesmo no seu *subtractum* e nas suas aspirações, reveste tambem feições em que a vida brasileira se reflecte, em ra brasileira ainda, mas adoçada já dos aspectos rusticos e asperos em que nellas e espe!ham as hostilidades do nosso *hinterland*.

Com differenças apenas de technica, ahi estão representando essa feição menos inculca ou poderia dizer menos virginal, menos nativa, da nossa vida a obra de Lima Barreto, a de Ronald, a de Mario Sette, a de Olegario Mariano, a de Paulo Barreto (de Paulo Barreto, de “Mulheres e Espelho”) e a de Alberto Ramos, a de Mansueto Bernardi, a de Homero Prates e a da nova escola paulista. Ha em todas essas manifestações artisticas o mesmo afan de fixar e reflectir a nossa vida; ha nesses trabalhos todos a preocupação dominante, imperiosa, ineluctavel e, atravez todos os obices, vitoriosa, de fazer arte brasileira. Sente-se que esses artistas todos acham se em intimo consonio espiritual com a grande hora nacional em que vivem, sente-se que sua arte é, mcsmo antes de tudo, para elles, uma “forma de felicidade”, percebe-se que elles sentem-se, antes de tudo, órgão da «resonancia espiritual» da sua epocha e do seu povo; sente-se que na sua arte o que elles querem, antes de de tudo e acima de tudo, é gritar bem alto o seu orgulho e a sua alegria de estarem vivendo—no seu tempo—a vida da sua gente. Ha na arte dos Guilherme de Almeida, dos Mario de Andrade e do grupo juvenil d’«Estética», principalmente esse grito instinctivo, irreprimivel, de almas felizes por se sentirem em harmonia com os seus patriocios, do seu tempo. Ha quem combata a chamada «escola paulista» e a toda a nova corrente, e ha mesmo quem lhe vaticine vida ephemera. Eu, ao contrario, c eio que ella vae durar, e penso que della passarão apenas os exaggeros de technica. Della caducará somente o que haja de artificioso. Mas, na sua essencia e nas suas intenções fun-

damenteas ella ficará, porque, emquanto a isso, se enradica nalgo de muito estavel e que é a constituição intima da *psyché* nacional e porque procura servir algo de muito real ou seja ás aspirações e ancelos do Brasil actual. Ella ficará, porque ao artificialismo prefere a arte, á pura verbiagem prefere a forma como expressão e só emquanto expressão do pensamento. Ella ficará, principalmente, porque, ao envez de pretender reflectir estados d'alma alheios, ao envez de pretender dizer das aspirações e dos desesperos, dos desfallecimentos e dos ancelos, das inclinações e dos odios que torturam a alma de outros povos;—quer apenas dizer das afflicções e das esperanças da nossa gente. Ella ficará, porque a viver morrenuo com viver a fingir que se dóe de alheias dores e a fingir que se enthusiasma com idéas alheias, prefere viver a torturante delicia dos temores, dos perigos, dos desalentos, das esperanças e dos enthusiasmos dos patricios do artista e companheiros seus da mesma hora de viver... Poder-se-ia dizer que a característica da arte brasileira deste momento está em que nella o artista não é mais um evocador de scenas ou preteritas ou vividas por outrem, não é apenas um espectador, nem se figura tampouco um mero actor, porque se sente bem um personagem mesmo do drama aspero e intenso, do drama violento e real da vida, do qual as obras d'arte, afinal, não vão sendo senão projecções,

E não só no verso e no romance, assim é.

Na pintura, na musica, no theatro ao arremedo da sensibilidade esthetica que só percebia belleza em assumptos estranhos, substituiu-se uma sensibilidade brasileira que se aperfeiçoa, se differencia e se apura dia a dia, e que, dia a dia, mais se affaz á contemplação e á percepção da belleza ambiente.

Ahi estão,— para confirmar o assérto,— na pintura: a obra de Baptista da Costa, a de Guttman Bicho, a de Ferrigno, esta embora ainda um tanto accentuadamente regional, a dos Irmãos Thimotheo, a de Chambeland, a de Helios, a de Leopoldo Gottuzzo, a de Parreiras (não me refiro ao Parreiras do escanhoadissimo e theatral Fernão Dias e da scena maravilhosamente anachronica da supplicio de Felipe dos Santos,—refiro-me ao grande, ao victorioso Parreiras das «Sertanejas» e da «Flor Brasileira...», a de Anibal Mattos, vencendo serenamente a indifferença do meio e culminando e esplendendo nesse magnifico clarão de arte que é a sua «Matta Illuminada»; e a obra admiravel de singeleza e de verdade desse sincero e perfeito artista que é o nosso grande e tão esquecido Fernandino Junior...

Na caricatura, a obra de Raul —um prodigio de talento, de agilidade e de espirito, a obra de J. Carlos, impeccavel, perfeita, ambas nitidamente brasileiras, já se distanciam e differem da caricatura pesadona e «casca-grossa» de uns tantos «mestres» consagrados alhures,—tanto quanto a graça esvoaçante se distancia e differe da chalaça balôrd...

Na musica, a obra original de Glauco Vellasquez, a de Nepomuceno tão emotiva, tão fundamentalmente nossa no seu sentimentalismo, e a obra magnifica do genial Villa Lobos,—inconfundivelmente nacional nos seus motivos e na sua maneira,—formam bem a magestosa proto-phonía annunciadora de mais uma forma de libertação espiritual brasileira.

No theatro, os trabalhos de Renato Vianna, de Carlos Góes, de Oduvaldo, de Abbadie, de Alberto Deodato, de Pujol e de tantos e tantos outros ahí estão projectando para a luz da ribalta, em excellentes affirmações victoriosas, esse mesmo espirito brasileiro de agora para o qual o assumpto em fóco é o assumpto brasileiro, a vida brasileira, tal qual a estamos vivendo, uniforme nos seus objectivos e ao rythmo do mais intimo e mais essencial do seu metabolismo, embora, com as differenças externas em que nella se reflectem os matizes propriamente locais. O palco brasileiro já não é mais o lugar em que se diffama a boa gente do interior, ridicularisada, enxovalhada e calumniada por uns idiotas que, envergonhados de sua parentella, fingiam (mas só para si mesmos o fingiam) affinidades com outras gentes, principalmente com a França. Compare-se a «Capital Federal» com o «Mano de Minas»...

Hoje sem duvida rimo-nos ainda no theatro a proposito dos nossos cacoêtes e defeitos. Rimo-nos, porem, sentindo que esses defeitos e cacoêtes são nossos e não alheios, como se afigurava aos «moços de talento» que no Rio de Janeiro divertiam o estrangeiro, ridicularisando e calumniando a patricios cuja belleza moral estava tão longe e tão acima da embotada sensibilidade dos seus detractores.

Mas,—o que mais interessa ainda aos intuitos deste ensaio é assinalar que a obra theatral brasileira vive e vence, interpretada por actores perfectos, aqui nascidos, aqui educados e representando por uma maneira exclusivamente nossa. Confronte-se, com sinceridade, o trabalho de Italia Fausto ou o de Leopoldo Fróes com o dos melhores artistas que nos visitam, e diga-se se não ha ou não uma seiva nova e rica, dando viço e vida propria ás nossas creações de arte...

Entretanto essas manifestações todas do espirito brasileiro no dominio artistico mostram o phenomeno apenas na sua parte mais superficial, interessam, apenas, quanto muito á epiderme do organismo, formam, poder-se-ia dizer a «pasta aromal» do facto em estudo, meros effluvios, simples emanações que são de uma actividade bem mais profunda e bem mais generalisada.

O phenomeno de coordenação, de organização de elementos e de unidade de orientação e de eurythmia de actuação que tem a sua representação no que eu chamo o «momento brasileiro»—tal phenomeno, digo eu, tem manifestações vindas de muito mais profundas regiões da *psyché* brasileira.

E' o que ensaiarei mostrar, de seguida.



A' nossa vitalidade

Gregoriano CANÊDO

Um appello vibrante acaba de accordar a alma joven do paiz. Dirigido á mocidade por um elevado espirito de escól que é o representante brasileiro junto á Sociedade das Nações, veio ao encontro do palpitante entusiasmo da nova geração de moços. Aquelle aparelho internacional, fecundo de realisações vultuosas, procurando interessar-nos pelo ideal que o anima no saneamento da paz e do amor entre os povos, recorre ao sentimento nobre e acolhedor de idéias boas do Brasil moço. E não foi semeado o estímulo em chão rebelde, porque d'ahi é que ha de brotar a «ideia-força» constructiva da grande obra de concordia e alliança entre os homens. E' na geração turbilhonante de seiva e de vida, que reside o órgão gerador das maiores actividades humanas, firmado pela genetriz da intelligencia.

Tratando-se de aproveitar a cooperação sadia da juventude patriótica em pról de uma instituição universal de relevancia notavel, a do Brasil vê na palavra do embaixador illustre, um impertérrito dever de brasileiro a cumprir. Julga-se capacitada a corresponder á confiança que mereceu.

A porção de cerebros pusillanimes que grita quotidianamente a «decadencia da mocidade», representa de morbida que é, a infima parte morta da nossa vitalidade. Somos uma gente de fortes e capazes. Este postulado é o galardão de salvamento do Brasil. Contemol-o. A pertinaz e obsessora convicção desta verdade fal-a retinir a todos os ouvidos e as energias multiplas e dispersivas se hão de reunir em torno d'ella. Teremos assim o encorajamento bastante, intremulo e consciente de emprestar á Liga das Nações, o concurso da nossa mentalidade e o apoio moral do nosso prestigio. Estejamos certos que, a essa instituição que tão enorme somma de beneficios está prestando á humanidade, seremos uteis e pioneiros valerosos do seu progredimento. Resôe pela mocidade inteira o brado desse movimento de patriotismo e que o éco estimulante de fraternisação não se apague e não se fraqueie ás primeiras repercusões. Ao contrario timbre-se e avolume-se de embate a embate cada vez mais sonante e eloquente. Confunda-se n'uma vibração unisona das forças vivas da nação, em volta do programma traçado pelo grande ideal que de humanitario é christão, aspirador da concordia e do amor universaes.

E' á mocidade aproveitavel que se recorre, a esta hora, para garantia e segurança do futuro promissor reservado á Sociedade que synthetisa no mesmo pensamento de unidade, o pensamento de todas as gentes; que reúne na mesma alliança de harmonia, no labor commum da ordem e trabalho, sob o calor da mesma flamma de liberalidade, todas as aggremações humanas sobre a terra. Asseguraremos um logar de destaque e de brilhantismo á nossa excellente Patria no convivio das outras si, pela observaucia sã e despretençiosa ao manifesto do eminente diplomata patricio, lançado ao enthusiasmo e criterio do Brasil moço, convenceremos que o facto nacional, na opinião geral dos sociologos é a emanação do facto universal. Quanto mais os estreitarmos, maior consequentemente, se afigura a influencia do grande sobre o pequeno. Crescer o Brasil, portanto, no ambito das relações internacionaes é torral-o engrandecido como potencia de vitalidade poderosa.

Nesse «desideratum» manifestou-se, intelligentemente, á juventude brasileira que milita nas escolas e academias, o preclaro titular das Relações Exteriores do paiz, fazendo-se arauto do alvitre enviado á mocidade pela conspicua personalidade do digno interprete brasileiro junto ás nações. O appello chegado até Minas, teve o applauso vehemente da classe estudantina. O enthusiasmo vibrante da Minas nascida com a Republica despontou nos corações e rebôou pela Montanha da Liberdade inteira, quando a mentalidade scintillante e creadora do moço que timonêa os destinos mineiros, sentiu e identificou o grandioso momento que a Patria vive, elaborado por esse movimento de idéas. Ao esclarecer a vida publica do Estado ao Parlamento Mineiro, o que o fez fugindo do costumeiro refrão, com brilho e elevação de vistas, o chefe illustre do governo abriu um capitulo que é licção de civismo e ao mesmo tempo um brado carinhoso de alerta ás energias viciaes, afim de que volvam as nossas capacidades mentaes o contingente de suas reseruas á collaboraçã solicitada. O nosso ambiente pacifico onde a semente das iniciativas desse jaez sempre encontra fertilidade, não deixará perder-se nas quebradas do indifferentismo, o appello vibrante que lhe registra n'um alto documento publico o incansavel gestor das nossas actividades. Daremos dess'arte o testemunho de veracidade ás palavras do estadista conterraneo, que affirmam confiantes a fructificaçã no ambiente tranquillo de cordialidade acolhedora do povo mineiro, da arvore bem-dita da paz entre os homens.



Os livros e as idéas

Brasil

«EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES» — Ronald de Carvalho — 2ª edição — Anuario do Brasil — 1925

O classicismo para Ronald de Carvalho é um modo de ser. O poeta nasceu classico. Desviou-se para o simbolismo (o que, no seu tempo, era a melhor maneira de ser inteligente), mas logo voltou á sua lejitima paizagem espiritual. Um equivoco muito desculpavel em paiz de critica pobre e mal aparelhada transformou os «Epigramas» em livro revolucionario. Julgamento das apparencias, confuzão da fórma com o fundo. Pois eu vejo nesse delicioso «Epigramas» o livro de versos mais classico até hoje apparecido no Brazil. Que claridade que robustez que linha verdadeiramente tradicionais !! A poesia brasileira era ou frouxa ou dezaletada ou barulhenta ou neutra. Ronald de Carvalho criou a *medida*, qualidade muito da Grecia, como já descobriram uns cavalheiros sem que-fazer .. Logo espirito grego. Mas si Ronald é helenico, não é felizmente helenista nem helenizante. Por um lado esqueceu o Olimpo e toda a canbada mitologica. Nenhuma reminiscencia livresca turva a linpidez de seus versos. Por outro lado é bastante honesto para não propor á nossa admiração os temas sedijos que o minuciozo Commellin fornece a *bon marché*. Seu conselho é bem diferente:

«Cria o teu rythmo a cada momento».

.....

«Não esgotes jamais a fonte de tua poesia,
 enche a bilha de barro ou o cantaro de granito
 com o sangue de tua carne e as vozes do teu espirito !
 Cria o teu rythmo e criarás o mundo !

O grande milagre dos «Epigramas» é conciliar a *maneira* grega (maneira de pensar e dizer, inpropriamente chamada assim) com a sensibilidade brasileira, que é riquissima em Ronald. Por muito tempo «Os sertóis» de Euclides da Cunha foi tidô como a

verdadeira expressão, em proza, do nosso genio literario. Faltava a essa expressão uma correspondente em poezia. Verificou-se agora que o livro de Euclides é de fato um grande livro brasileiro, mas que a psiquê nacional tem muitas outras facetas, a que correspondem muitos outros modelos de esteriorização... Sob esse novo ponto de vista, os «Epigramas são tão brasileiros quanto «Os sertões». A nossa paizagem ai está fixada em algumas de suas nuanças mais sutis e mais características,—não em todas, o que facilmente se esplica: A sensibilidade do poeta é demaziado polida para aceitar alguns excessos alarmantes do nosso *habitat*.

Alguns versos colhidos ao acaso:

«O sol queima as couves dos quintaes desertos.»
 «O ar das chacaras cheira a capim melado,
 eervas pisadas, a baunilha, a mato quente e abafado.»

«A terra é morna como o corpo de um passaro,
 como o corpo de um passaro sob a plumagem lustrosa.»

são notações precisas e penetrantes que nos dão bem a medida de como Ronald de Carvalho transportou para os seus poemas o ambiente brasileiro.

Técnica? Mesmo a técnica dos «Epigramas» não é mais considerada revolucionaria. A este passo da nossa evolução poetica desapareceu todo cuidado puramente formal. Escreve-se como se pôde. Não vale a pena atacar certos principios de escola aclimados no Brazil, porque esses principios perderam toda a significação. O que nos interessa é qualquer coisa de mais profundo e mais grave: é a fuzão da terra com a arte, purificando a primeira e universalizando a segunda. — C.

SEÁRA DE EMOÇÃO—Wellington Brandão—Anuario do Brasil—1925.

O sr. Wellington Brandão é um poeta de extrema delicadeza, que acha na vida um sabor agri-doce, e vae colorindo como pôde a imagem nem sempre suggestiva da realidade. Não é de largo vôo, não. Mas é de vôo quasi sempre seguro, e faz versos macios, velludosos, acariciantes. Ha uma doçura muito particular em «A cantilena que me adormecia», «O doce remorso», «Recordação». Essa doçura dá o tom geral do livro. Essa doçura nos faz suppor que, para o sr. Wellington, a poesia é um fluxo do coração, como para outros o é do cerebro, e como, para muitos outros ainda, é uma simples erupção cutanea.

Ha no livro um grande amor á natureza, a quem o autor chama de «santa», com o exaggero proprio dos amorosos. Felizmente, elle não estima somente os seus elementos decorativos, mas tambem as suas forças e energias potenciaes. Compõe um hymno «em louvor do que semeia»,

e, mais adiante, offerece um soneto «aos paes dos pequeninos lavradores». Sempre a lembrança—ia dizer: a obsessão—da terra generosa, que, acolhendo a semente, logo a devolve multiplicada em fructos.

Haveria uma palavra a dizer sobre a technica do sr. Wellington Brandão, que ainda não se aproveitou das acquisições da campanha modernista, mas que, louvado Deus, não é a indefensavel technica parnasiana. O autor pratica satisfactoriamente o verso polysyllabo. impropriamente chamado de «verso livre» (leia-se, a respeito desse engano tão comum, o opusculo de E'duard Dujardin: «Les premiers poètes du vers libre»), Acho pouco. O «verso livre» já deu o que podia dar, manejado por Mario Pederneiras, Ronald de Carvalho e outros. Exgottou-se. Ah! Como eu gostaria de ver o sr. Wellington desenvolvendo o seu legitimo temperamento poetico num campo mais vasto e mais arejado! A poesia modernista, já o disse alguém, é a poesia do ar livre. Proponho este conceito á sua meditação.—D.

Portugal

SOB A GARRA DO SONHO— Ruy Gomes

O Sr. Ruy Gomes teve a gentileza de nos offerecer a collecção de seus máos contos. Não adopto nem receita nem formula mas esse genero de prosa tem um character que lhe é proprio. Exige certas faculdades que o jovem escriptor portuguez absolutamente não possui.

Antes de tudo uma agilidade de espirito para apanhar, precisar e corrigir certos aspectos da realidade. Ora, o sr. Ruy Gomes soffre uma absoluta falta de movimento e não tem o mais leve contacto com a vida. Isto é mau. Não se quer a minucia realista dos detalhes, a copia servil dos factos, a documentação, o rigorismo da technica descriptiva, a psychologia de receita. Não! Mas o sr. Ruy Gomes nem ao menos atravessou o Fialho de Almeida. Parou na Morgadinha do Val Flôr. Anda atrazadissimo. Preoccupa-se com o enredo. Quer prender por um fio a imaginação das donzellas de vinte annos.

Assim como um poeta parnasiano faz os seus versos, o auctor de «Sob a Garra do Sonho» procura encaixar as peças de seus contos para que tenham desfechos apraziveis.

E' um romanesco. E' um imaginoso da peor especie. Quando pensamos que a alma portugueza em face da renovação intellectual contemporanea ia perder a sua crosta de sentimentalismo, eis que ella se nos apresenta mais grossa e mais solida no sr. Ruy Gomes. Elle carrega consigo todos os detricos do velho romantismo das pallidas Elviras.

Como poderiamos apreciar as suas semsaborias fantasiosas? Não possui a mais ligeira intuição psychologica nem o mais leve poder de observação. Falta-lhe a apprehensão synthetica dos factos intimos e dos factos exteriores. E' incapaz de delinear com firmeza o perfil moral ou physico de uma physionomia. Não consegue fixar as linhas essenciaes de

uma scena». Não chega nunca a condensar em traços fortes uma descripção. Fica sempre a dourar como uma pilula a epiderme da vida. Falsifica todos os aspectos da realidade. Apanha os factos mais superficiaes para os moldar ao enredo. Suas figuras são inteiramente apagadas. Não teem côr nem vida. Alguns romancistas, outr'ora, tiveram exito em crear typos da media humana a fim de figurar o ambiente em que se moviam. Sem offerecerem a resistencia de uma personalidade, essas creações se apagavam sob a pressão das cousas circumstantes que se desenhavam nitidamente. Recuava-se o fundo humano para se apresentar o decoro exterior da vida. Em «Sob a Garra do Sonho» nem uma cousa nem outra. Nem personagens nem scenarios.

O estylo do sr. Ruy Gomes é o mais meloso possivel. O espirito ao lê-lo vai escorregando commodamente na doçura correntia de suas phrases bem feitas e banaes. E' incapaz de dar precisão linear ás expressões e tom unido ás palavras como a composição do conto exige. Ostenta uma opulencia de imagens gastas e desbotadas que farão phrenesi nos leitores dos romances de capa e espada. O primeiro conto é da mais chata banalidade. Eterna historia. Uma heroína bonita e elegante. Sonhos e phantasias. Adoradores. Mais tarde: desillusão. Vem o marido indesejado. Adulterios. Logo em seguida com pontualidade, o arrependimento. Afinal, reconciliação. Tudo isto em tintas leves, em imagens floridas, em phrases correctas com pronomes bem collocados. Ora bolas! Sr. Ruy Gomes, fazer contos não é dedilhar guitarra nem compor modinhas ás eleitas suburbanas.

No segundo conto o escriptor portuguez cae na melancolia como num poço. Afundou-se naquella tristeza que encrostou a alma de seus avoengos. E' ella que dá côr a todas as paysagens e a todos os estados d'alma. Artificialização barata da melancolia. Como é enluctado o ambiente do 2. conto! Vejam o titulo: «Romagem Dolorosa». Depois desse titulo abre-se um scenario de fazer chorar. Longe, num sino de igreja, batiam trindades.

«Luz melancolica do crepusculo». «Em duas alas como uma proçissão, os platanos». Mais longe: a sombra fatal dos choupos, os caramachões de lilazes. Tudo isso coroadado de visões evocativas, saudades de puro quilate portuguez e pedaços do passado.

Nos outros contos a mesma intensa banalidade romanesca.—M. de A'

França

XX^e SIÈCLE—Benjamin Crémieux—Nouvelle Revue Française —Paris.

Não sei si ainda será tempo de falar dêste livro de Crémieux, mas tenho certeza que sempre é tempo de falar de Proust, Larbaud, Romaine e Giraudoux. Ora, é justamente sobre Proust que Crémieux escreve o maior e mais inportante capitolo de «XX^e siècle», dando-nos a primeira

vizão de conjunto dessa obra tão caluniada e louvada, e afinal tão incompreendida. Bom capítulo. Ecelente capítulo. O autor de «Sodome et Gomorrhe II» é analisado com lucidez e penetração, e ainda com boa dose de simpatia intelectual. Acho imprescindível esse coeficiente de simpatia no estudo duma obra literaria ou artistica, sem o que o estudo se arrisca a sair um chôcho relatorio ou um injusto libélo. Crémieux porém chega a simpatizar de mais, como no caso de Proust, cujo estilo é justamente a auzencia de estilo e que confunde perturba dezespera o leitor. Pois não é que o sr. Crémieux afirma não haver estilo mais dinâmico do que este? Eu tambem tenho uma opinião sobre Proust. Dois pontos: é o autor mais difficil do século 20. Não que ele seja obscuro, malarmêsco, isso não. Mas escreve mal. Os periodos não acabam nunca; arrastam-se por entre um cipal de conjunções prepozições pronomes pessoais o diabo. Vocês já leram «A' l'ombre des jeunes filles en fleurs»? Um sacrificio. O resultado paga o sacrificio. Mas este em si é duro de mais. Homem de pouco tempo, acostumado á velocidade, estou bem lendo o «Grand écart» de Cocteau, onde o personagem principal, Jaques Forestier, «chora depressa». Pois o tempo que gasto em ler todo o «Grand écart» não chega para um capítulo de Proust, que requer disposição especial do espirito, atenção sempre vijilante, etc. Fazer paralelo é tollice, mas eu me atrevo a dizer que Cocteau se oferece ao leitor, enquanto Proust se subtrai. Lê-se o primeiro (sentimento de posse e de abandono, gôzo espiritual, penetração mútua); o segundo é lido (necessidade de esforço, luta mesmo, para obter a vitória, que não dá aquela dupla sensação nem a de fuzão das duas personalidades). Martins de Almeida notou que os livros de Marcelo Proust tanto podem ser lidos de traz para diante como de diante para traz (o 2.º volume antes do 1.º). O que está de perfeito acôrdo com a opinião comum de que Proust «compose mal, autrement dit il ne compose pas...» Alias em seus livros o que nos interessa não é a anedota, é a psicologia, levada ao infinito, dos personagens, a desconpozição e reconpozição pasmoza dos caractéres, o *dom de vida* intimo secreto e multiplo, que o leitor só chega a descobrir depois de vencer a idiozincrazia do estilo. A esse respeito a critica de Crémieux é admiravel: mostra-nos as raizes profundas e dolorozas de que se nutriu esta obra que além de ter valor inestimavel como estudo psicológico é «o quadro de costumes mais completo realizado em França depois da *Comedia Humana*».

Proust foi um doente um ipersensivel. Crémieux acentúa nele o desenvolvimento anormal da memoria e imaginação dando como produto sensibilidade ipertrofiada. Estes os meios naturais de que dispoz para «renovar segundo sua estética a vizão do mundo e do homem». E' numa palavra o romancista do subconciente. Sua obra nos fornece dados importantissimos para o estudo das relações entre conciente e inconciente.

Valery Larbaud é outro grande escritor estudado por Crémieux. Com eccessivo entusiasmo. Convém sorrir da profecia (para daqui a 100 anos) dum Larbaud-clube á maneira do Sthendal-clube e doutras sociedades igualmente divertidas. Isso de clubes é meio cacéte, não acham?

Estupenda a sóva em Pedro Benoit «o homem de menos imaginação entre todos os francezes vivos». Sim senhores, gostei de fato.—C.

L'EUROPE GALANTE—Paul Morand—Bernard Grasset - 1925

Afinal, é bem verdade que o esforço consciente se faz inconsciente e que as idéas se fazem sentimentos. A nacionalização do nosso pensamento em pouco traz a sua correspondencia á sensação. A gente já vai perdendo a admiração que se desperdiçava com muito coizó internacional. Mesmo entre os espiritos modernos. Ahi estão os representantes do novo cosmopolitismo. Ha entre elles um aliás, muito interessante: Valery Larbaud. Mas este intelligentissimo camarada escreve, por exemplo, coisas para La Nacion collocando-se no ponto de vista do leitor de cultura franco-hespanhola e procura, ao mesmo tempo agradar ao elemento italiano do culto publico de Buenos Ayres.

Ora, isso irrita ao nosso sentimento brasileiro que começa a se reduzir a uma unidade perfeita. Paulo Morand nos dá em «A Galante Europa» uma manifestação completa do espirito cosmopolita que o anima. Restaura muitos aspectos do velho bricabraque romantico. Submette o seu temperamento á pressão dos ambientes mais diversos. Mostra, muitas vezes, um gosto vivo e original do meio exotico. Outras vezes dá a impressão de distancia ou, antes, de recuo em face desse meio. Em seus contos transparece a curiosidade racionada de um espirito dilettante. Descreve os aspectos superindustrializados de Essen, recorta com nitidez uma paisagem russa, delinea o perfil moral e o traço politico de um portuguez, desenha a figura calma e saudavel de uma hollandeza.

E' interessante observar-se que os traços bem definidos de seus typos não tem fixidez nem estabilidade. Parece que se movem a todo o momento, dando diversas faces a uma mesma personagem. O mesmo acontece com suas descrições, cujas linhas bem accentuadas modificam-se a cada instante, imprimindo diversos aspectos a um mesmo logar. Em certo momento o proprio auctor põe em relevo a observação que fiz: um individuo em dada occasião «se choisit ce masque enigmatique, mort qu'il doit à L'Extreme Orient.» Os contos da «Galante Europa» são simplesmente interessantes. O exotismo de Paulo Morand não passa uma forma de dilettantismo literario e de espirito decadente. E' um romantico ainda. Preocupa-se com o excepcional em prejuizo do humano. Intromette-se dentro de seus typos para levar-os a actos extranhos. Falta de psychologia. Creio que nessas aventuras sentimentaes pelos paizes estrangeiros, Paulo Morand conservou o seu fundo francez. Mas o desperdiçou. Chegaria em pouco a exgottal-o. A tendencia cosmopolita é profundamente dissolvente. Apoia-se em um grande erro. Não dou fé a uma verdade extra-patria. Os valores internacionaes merecem pouco credito. O escriptor só adquire a plena força creadora em contacto com a atmosfera natal. Só é comprehensivel o cosmopolitismo como meio de educação, como força disciplinar. Isto para um povo de energia primitiva e fundo ethnico como o russo.

Mas a França é uma civilização fatigada. Paulo Morand soffre o exgottamento da sensibilidade gauleza. Busca a surpresa de intensas sensações. Inventta novos sobresaltos para os nervos gastos. Quer excita-

ções em meios menos requintados do que o seu. Vejam o seu gosto absorvente pela Russia. E' um decadente. E' um cansado. Não traz consigo um excesso de força creadora capaz de resistir, intacta, ás mais variadas pressões ambientes. Reactivos muito fortes costumam dissolver a base. Em nenhum momento Paulo Morand enriquece o seu mundo interior. A continua mudança do decôro da realidade impede a assimilação profunda dos factos exteriores. Devemos abolir o mais depressa possivel a importação de livros como «A Galante Europa» em que se observam a troca facil de costumes, o desperdicio de energia creadora, as vagabundagens de um espirito dilettante. — M. de A.

A MONTANHA AZUL

(Continuação da pag. 42)

miasmas deleterios a subir das aguas putrefactas, o mesmo lodo a alcatifar o chão cavado de fendas insidiosas.

Grata sensação de allivio desopprimiu-lhe o peito. Um sorriso, de que havia tanto tempo andavam viuvos os seus labios, crispou-lhe a bocca; os olhos lampejavam-lhe effluvios de alegria.

—Altos deuses! Quanto fui injusto em julgar mal de vossos propositos! Miragem, pura miragem o que eu suppunha fosse uma iniquidade do destino.

Ocorreu-lhe então contemplar a planura distante de sua terra; a que dava costas, e de que já começava a nutrir saudades. Volta os olhos na direcção da patria querida, e quasi ficou estarrecido de pasmo:

Ao longe, recortadas no horizonte, esfumadas nas meias tintas do crepusculo proximo, as montanhas verdes de sua terra eram agora nitidamente azues, taes como as do paiz vizinho e fronteiro, que tanto tempo o haviam trazido illudido e deslumbrado!...



MARGINALIA

Alphonsus de Guimaraens

Alphonsus morreu ha alguns annos, num dia 15 de julho. O tempo decorrido entre a sua morte e este 15 de julho passado nada fez, ou quasi nada, em beneficio da sua memoria. Já é tempo de cuidar a nossa critica literaria de render ao poeta admiravel do «Septenario das Dores de Nossa Senhora» a sua homenagem verdadeira, fazendo uma revisão criteriosa da sua obra. Esta vae ficando de lado, uma parte espalhada em edições raras e mais ou menos humildes, outra parte, inteiramente esquecida dos editores. Poucos conhecem as obras completas de Alphonsus; pouquissimos são os estudos que nós possuímos sobre essa obra. De um lado, a falta de fontes onde se pudesse procurar o fio desses estudos; de outro, o criminoso desleixo da critica dos nossos dias. Entretanto está ahi materia bastante para um ensaio recommendavel sobre alguns dos aspectos mais profundos e sempre novos da nossa psychologia: o lyrismo de Alphonsus, o seu temperamento de benedictino amoroso, de mystico iluminado.

Vivendo para a sua poesia, elle realizou ainda o recolhimento fecun-

do e nobre de uma «turris-eburnea». Hoje seria um retardatario. Não comprehendemos aquelle seu alheamento da vida, aquella attitude de puro contemplativo, desinteressado das pequeninas cousas terrenas. A vida moderna está ahi, a exigir da nossa actividade intellectual o maximo de pragmatismo possivel. Não temos mais os puros artistas, os poetas, puramente poetas, como o era Alphonsus. Ha negociantes que são artistas, advogados e engenheiros que são poetas, pintores, etc. Em primeiro logar—a realidade, a vida quotidiana, a lucta; depois—Arte. Alphonsus, ao contrario, viveu sempre num desinteresse total por essa realidade quotidiana.

Mas não foi apenas um poeta, como muita gente; foi um grande, um raro poeta. Soube crear o seu rythmo e modelar a sua alma. O seu feitio intellectual não era um capricho da intelligencia. Nelle havia uma relação intima e verdadeira entre a *expressão* subjectiva e a realização verbal; entre a sua poesia e a propria essencia de sua personalidade. Creou, assim, o seu symbolismo. Só nelle poderia enquadrar o seu mysticismo de raizes impereciveis, e que foi uma das mais altas expressões do nosso espirito religioso. 2ª edição de Verlaine?

Apezar de todo o artificialismo do início e das influencias estranhas, Alphonsus ficou sendo Alphonsus. A essencia de sua obra permaneceu intacta. Foi esse o maior milagre de sua arte renovadora...

O centenario de Bernardo Guimarães

O centenario do nascimento de Bernardo Guimarães, situado em 15 de Agosto, põe novamente em fóco a figura, por tantos titulos original, desse romancista mineiro. Louvemos este oportunidade, que poderá servir a algum critico intelligente para rever a obra numerosa de Bernardo e firmar sobre ella o depoimento da geração actual. Impõe-se este depoimento. O autor da «Escrava Isaura» é hoje, por assim dizer, uma figura lendaria em nossas letras. Completamente esquecido pelos intellectuaes, só o leem os meninos de 15 a 18 annos, que não vão procurar nelle a significação intima de sua obra, mas apenas a trama das aventuras de seus romances. Isto para não falar em certa classe de admiradores (restricta, felizmente), que de Bernardo Guimarães só aprecia o que elle fez de máo, a poeira de seu espirito, duas ou tres poesias clandestinas e eroticas. Ha dedicações que valem por inimizadas... Assim tambem a dos que se agarram a todas as arestas, saliencias e reintrancias de sua personalidade, vindo em tudo a marca do genio, e que apenas logram despertar no publico consciente um sorriso de ironia e incredulidade.

Desprezada por uns, mal interpretada por outros, a producção literaria de Bernardo Guimarães está a requerer um exame, entre-severo e carinhoso (a severidade não ex-cieue o carinho) dos intellectuaes sobre que pensam as responsabilidades da nossa renovação mental. Ronald de Carvalho deu inicio ao inquerito. Sua «Pequena historia da literatura brasileira» contém uma pagina que esboça com felicidade o perfil do romancista ouro-pretano. Mas é curta e superficial, em virtude da natureza e das proporções do livro onde se insere. Desejariamos ver a analyse retomada e desenvolvida pelos dois ou tres criticos realmente cultos e de bom gosto, que o movimento modernista já revelou. Bernardo Guimarães é um caso e uma lição. Cumpre situar esse caso na evolução geral do romance brasileiro, esquadrial-o, penetrar-lhe a essencia, e classifical-o. A lição precisa ser estudada e depurada, pois quasi todas as lições são um pouco falsas e um pouco verdadeiras. Não se diga que um homem de talento desperdiçou a sua vida em Minas Geraes tentando compor uma synthese do nosso ambiente physico e moral, e que o recompensamos com a nossa indiferença. P... maiores que sejam os seus defeitos (defeitos que são, em ultima analyse, os de sua época), seria impossivel negar ou deprimir o character brasileiro de sua obra, que marca um ponto na evolução do romance nacional (1) e nos offerece

(1) Esta é a opinião de Ronald de Carvalho, na «Pequena historia» (pag. 275, 2.ª edição). Sylvio Romero vê ainda nos livros de Bernardo Guimarães uma fonte para o estudo das «transformações da lingua portugueza na America».

abundante documentação para o estudo dos costumes e sentimentos da população colonial de Minas, a par de uma visão, muitas vezes soberba, da nossa paizagem. Nunserá demais accentuar o exuberante nacionalismo do velho Bernardo, indice e ponto de partida de uma tendencia sadia e justa que, infelizmente, veio degenerar no obtuso regionalismo de alguns mediocres literatos contemporaneos. A historia do sertanismo pôde ser representada por uma linha qué, partindo de Bernardo, tem em Affonso Arinos o seu ponto culminante e, consequentemente, o inicio de sua decadencia... Bernardo foi o lyrico do sertão, Arinos foi o psychologo; os que se seguiram não passam de copistas ou mystificadores sem importancia. Mas a figura do velho narrador de Ouro Preto nos apparece como digna de nossa attenção, reclamando um estudo minucioso e seguro, que não poderá mais ser adiado.

O NOSSO APPARECIMENTO

Somos immensamente gratos a todos os nossos brilhantes e generosos confrades que, com palavras de franca sympathia e, mesmo, de entusiasmo, noticiaram o apparecimento do primeiro numero d'«A Revista». A escassez de espaço não nos permite transcrever, como era nosso desejo, as amaveis expressões de que se serviram os nossos collegas. Mas aqui ficam os nossos agradecimentos a todos, e, entre elles, ao «Minas Geraes», «Diario de Minas» e «O Horizonte», desta capital; a «A Patria», «O Paiz» e a «Gazeta

Expediente

«A REVISTA» publica-se mensalmente

Assignaturas para todo o Brasil:

Anno 12\$000
Semestre 6\$000
Numero..... 1\$000

Toda e qualquer correspondencia deverá ser dirigida á Redacção e Administração.

Avenida João Pinheiro, 565

BELLO HORIZONTE



Encarrega-se de gerir os negocios de «A Revista» o nosso redactor
Gregoriano Canêdo

de Noticias», do Rio; a »Gazeta Commercial», de Juiz de Fôra; ao «Oeste-Jornal», de Dôres do Indayá; ao «Monte Carmello», de Monte Carmelo; á «Cidade de Patrocínio», de Patrocínio; á «Estrella do Sul», de Estrella do Sul; etc., etc.

Destacamos as calidas e honrosas palavras de Aripino Grieco, o puetrante critico literario da «Gazeta», que, em seu folhetin «A margem dos livros», foi inexcédível de gentileza para conosco.

Uma instituição formidável

Si houvesse de ser apontado um índice eloquente sobre o brilhante período de evolução atravessado pelo Brazil nos últimos trinta annos, de nenhum outro se poderia cogitar com mais justiça do que do «seguro de vida». E si houvesse de ser indicada, entre as instituições desse genero, a de mais adeantadas iniciativas, a grande pioneira graças a cujo influxo o benefico movimento tem irradiado por todo o Brazil, não poderia deixar de ser citado esse Instituto modelar de previdencia que é «A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil»

Os algarismos dos seus balanços, as cifras dos seus beneficios, a escala em que elles têm augmentado de anno para anno, desnorteiam os calculos mais optimistas, frustram as mais ousadas previsões. São resultados que por um lado fazem honra ao espirito de previsão do brasileiro e dão o quilate das administrações que se têm succedido á frente da grande empresa; mas por outro lado tambem traduzem o trabalho desses milhares de homens, verdadeiros missionarios do bem, que, por todo este immenso paiz, vão, de porta em porta, como prodigiosos creadores de segurança e de bem estar, apontando o meio de escapar ás eventualidades adversas da sorte, afugentando a pobreza, incentivando a economia, despertando os individuos para a consciencia das suas responsabilidades para consigo e com os seus.

A Companhia de Seguros «A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil» já consagrou mais de cinco lustros á realização de seu programma, com o resultado de se contarem por milhares, muitos milhares, os orphãos, as viúvas que nella encontraram o necessario amparo no dia da adversidade. Durante vinte e sete annos que tem de existencia, foi a Equitativa uma incansavel distribuidora de riqueza. A somma dos beneficios por ella feitos alcança nesse periodo a formidável somma de rs. 51.650:654\$120, um algarismo que indica em realidade uma fortuna material, mas que representa tambem, por certo, dezenas de milhares de familias que encontraram n'«A Equitativa», um esteio seguro no dia em que a adversidade transpoz traiçoeiramente a soleira dos seus lares, e assim escaparam ás dependencias, ás subserviencias humilhantes que são a herança da pobreza.

No ultimo balanço de contas da grande empresa brasileira, não é, porem, aquella a unica cifra que move á surpresa e ao assombro: as demais correm parellas com ella, como é facil verificar pelas referencias que abaixo vamos dar:

**Só durante o anno passado distribuiu a Companhia aos seus segurados beneficios no valor de.....
4.573:310\$223, assim discriminados:**

A REVISTA

Sinistros pagos em dinheiro á vista: rs. 3.127:815\$823.

Emprestimos a juros modicos aos proprios segurados: rs. 304:915\$637.

A receita global da Companhia foi de rs.....
14.611:272\$929. sendo:

Premios: rs. 13.133:590\$630

Renda do patrimonio social: rs. 1.477:682\$299.

Ao fim do anno findo, as reservas technicas da Companhia elevavam-se a rs. **28.072:483\$520.**

A Equitativa, para cobertura dessas reservas, possui um activo de rs. **35 573:675\$956.**

Em apolices da divida publica o activo da Companhia, segundo o balanço encerrado a 30 de junho de 1294, accusava a importancia de 14.407:357\$550; os bens de raiz eram representados pela somma de rs 8 234:946\$665; os emprestimos sob caução de apolices em vigor elevavam-se a 2.574:981\$546 e os sobre hypothecasa 244:657\$565; em depositos legaes e com banqueiros. na Europa, nesta Capital e nos Estados, possuia a Companhia naquel a data, rs. 5. 76:601\$622. A estas parcelas devem se accrescentar a garantia no Thesouro Federal, representada pela quantia de 200:000\$; os moveis e utensilios da séde e filiaes no valor de 154:409\$340; o dos juros e a uguerues a receber, attingindo a rs. 384:067\$000; e mais 1.649:067\$059, representando as agencias e filiaes; 995:738\$220, importancia de premios differidos; 729:000\$, valores hypothecados em garantia de emprestimos; 60:000\$, caução da directoria; 692:200\$, fianças de corretores, parcelas estas que, todas sommadas, levando-se ainda em conta o saldo de 70:039\$689 existente em caixa, elevavam o activo da Companhia ao total de 35.572:675\$956.

Os nossos leitores que desejarem mais amplas informações poderão pedil-as á Succursal de Minas, proficientemente dirigida por um moço de talento e de iniciativa, o sr. Oscar Netto, á praça 7 de Setembro, nesta capital.

Sorvetes, bebidas finaa, fructas exccllentes, etc.

O verão ahi vem. Não deixe você de ir visitar o

Trianon E A **California**

(Rua da Bahia)

(Av. Affonso Penna)